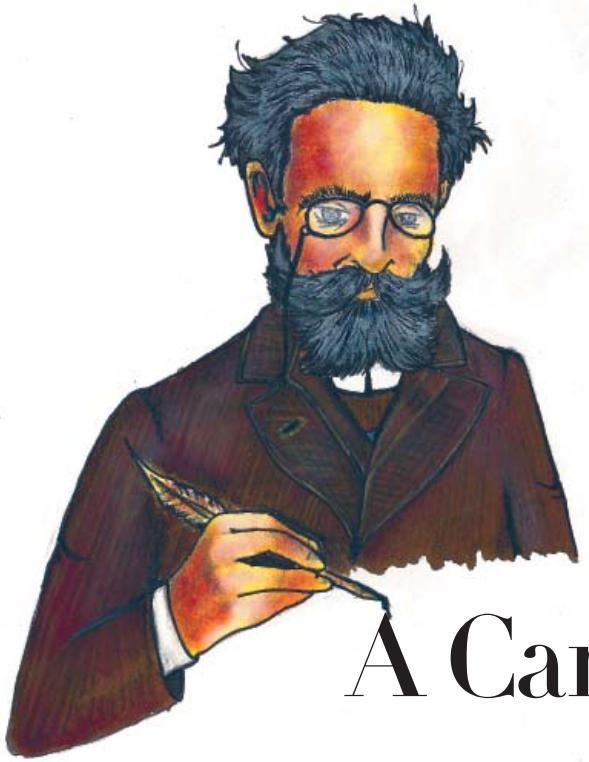
Contos de MACHADO de ASSIS



A Carteira

ESDI - Escola Superior de Desenho Industrial
CTC - Centro de Tecnologia e Ciência
UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Projeto Final de Graduação
Tema: Arte, Design e Arquitetura

Aluno: Marcos da Rocha Vieira
Orientação: Elianne Jobim

Rio de Janeiro - 2011

Contos de MACHADO de ASSIS

ESDI - Escola Superior de Desenho Industrial
CTC - Centro de Tecnologia e Ciência
UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Projeto Final de Graduação
Tema: Arte, Design e Arquitetura

Aluno: Marcos da Rocha Vieira
Orientação: Elianne Jobim

Rio de Janeiro - 2011

Agradecimentos

A Deus

Luzinete Vieira, minha mãe

Elianne Jobim

Noni Geiger

Carlos Brandão

Ariana Conceição

Elisabete Estumano

Priscila Barbosa

Diego Marinho

Samuel Gonçalves

Luiza Wenz

Zélia Oliveira

Jennifer Moreno

Mariana Peres

Nathalia Lepsch

Phillipe Anastassakis

Raphael Bellem

Ao meu violão!

Sumário

Agradecimentos 3

Introdução 6

Resumo 7

Palavras-chave 7

Abstract 7

Parte 1 Conceituação 8

Descrição do projeto 9

Objetivo e público-alvo 9

Justificativa 10

Parte 2 Definições projetuais 11

Conteúdo e linguagem visual 12

Machado de Assis 13

Similares 17

Referências visuais 19

Parte 3 Desenvolvimento 23

Editoração 24

Seleção de contos 24

Resumo dos contos: 24

Analisando o texto 26

Desenvolvimento das Ilustrações 27
Levantamento de imagens 27
Primeiros desenhos 30
Refazendo as ilustrações 34
Texturas a partir de fotografia 35
Estudos de posições 38
As ilustrações 40
Projeto gráfico 41
Escolha da tipografia 42
Mancha do texto 43
Inserção de fotografias nas cenas 44
Capitulares 46
Seleção das letras 46
Desenvolvendo as capitulares 47
Texto auxiliar 50
Projeto de capa 51
Logo da coleção 53
O conto ilustrado 56

Conclusão 59

Anexos 60

Referências 64

Introdução

Design, Arte e Arquitetura. Este foi o tema estabelecido para o projeto de graduação da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ESDI/UERJ em 2011. A cidade do Rio de Janeiro, ao longo do processo, tornou-se um ponto a ser explorado dentro do tema.

Nesse vasto campo, o presente projeto pretende abordar o universo literário, de caráter crônico, unido à ilustração, com o objetivo de torna mais lúdica a leitura, explorar algumas arquiteturas não mais existentes, e também a maneira como se vestiam na época em que o texto foi escrito.

O intento do projeto foi utilizar ilustrações mescladas, em algumas cenas, com fotografias. Fazer uso da tipografia como parte da ilustração, desenvolvendo capitulares de acordo com a respectiva cena. A fotografia também foi usada como base para alguns desenhos, em especial os arquitetônicos, explorando a textura de algum objeto fotografado e em cima disso, elaborar uma ilustração.

Resumo

Este projeto pretende desenvolver ilustrações, editar e produzir um projeto gráfico baseado em um conto literário de Machado de Assis, a fim de participar de uma coleção ilustrada de contos, destinado ao público jovem. O objetivo é tornar seu trabalho mais atraente para o público-alvo, que geralmente considera a linguagem da obra de Machado refinada e difícil de compreender, e, portanto, não cria interesse em aprender mais sobre seu trabalho.

Este projeto é parte do desenvolvimento do trabalho de graduação em Desenho Industrial, na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no ano de 2011.

Palavras-chave

Machado de Assis - Literatura - Ilustração - Tipografia (capitulares)

Abstract

This project intends to develop illustrations, edit and produce a graphic design based on a literary tale by Machado de Assis, in order to participate in an illustrated collection of short stories, intended for young audiences. The goal is to make their work more attractive to the target audience, which generally finds the language of Machado's work refined and difficult to understand, and therefore does not create interest in learning more about their work.

This project is part of the development of graduation work in Industrial Design, at Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), in the year 2011.

Parte 1

Conceituação

Descrição do projeto

O projeto consiste em uma coleção de contos ilustrados, que pretende atrair leitores que não possuem interesse em conhecer as obras literárias machadianas por achar a linguagem de difícil entendimento. E, por essa razão, não possuem interesse em explorar o universo da leitura. Desta forma, uma maneira de atraí-los, seria através do uso de ilustrações, tornando a leitura mais agradável e interessante.

A proposta é desenvolver ilustrações de um conto literário, tendo como base a cidade do Rio de Janeiro, explorando alguns pontos históricos citados no conto, de maneira pictórica. Neste trabalho utilizei fotografias como base de ilustração, tanto imagética propriamente dita ou como base para algum desenho. Ex.: ilustrar em cima de uma foto. E também utilizei a tipografia relacionada com o texto desenvolvendo capitulares de acordo com a respectiva cena.

A coleção de contos seria lançada inicialmente no formato de pequenos livros, com obras de Machado de Assis. Posteriormente, de acordo com a aceitabilidade no mercado editorial, poderia dar continuidade ao projeto, lançando novas edições com outros nomes famosos da literatura brasileira.

Objetivo e público-alvo

O objetivo é criar um projeto gráfico ilustrado de obras clássicas da literatura brasileira que possam atrair o público infanto-juvenil, despertando o gosto pela leitura.

O público alvo são adolescentes, estudantes do ensino fundamental e médio.

Justificativa

Meu interesse sempre foi grande no campo da caricatura, com o tema proposto para o projeto de graduação, Design, Arte e Arquitetura, tentei inserir um gosto pessoal ao trabalho.

A Esdi tem um estilo de ensino que nos prepara para atuar em vários campos na área do design, e seguindo essa filosofia, a área a ser abordada nesse projeto, foi a da ilustração unida ao design. A caricatura, que não deixa de fazer parte do conjunto, ficou como referência e a utilizei mais na parte de ilustração de narrativas literárias.

Outro interesse era o de "customizar" a tipografia, criar formas a partir de alguma letra, e este trabalho foi uma oportunidade para praticar este tipo de técnica.

Parte 2

Definições projetuais

Figura 1 - Materiais usados para ilustrar: lápis de cor aquarelável, aquarela líquida (ecoline), pastel seco, caneta nanquim, grafite e borracha.

Conteúdo e linguagem visual

O conteúdo do projeto em questão é o conto "A carteira" de Machado de Assis, publicado em 1884 originalmente em "A Estação" e posteriormente reunido no segundo volume do livro "Contos Fluminenses". Possui também algumas informações breves de pontos da cidade, obras do autor e um resumo biográfico do mesmo.

A escolha de Machado de Assis dá-se por sua grande capacidade de observação da época através de seus personagens, e por suas obras sempre ambientadas no Rio de Janeiro, citando paisagens, dentre outros aspectos, os quais foram explorados no presente projeto. Além de todas essas características, o autor é considerado o maior nome da literatura brasileira, e por esse motivo, a primeira edição seria "Contos de Machado de Assis"..

A linguagem visual do projeto tem como referência desenhos feitos à base de aquarela líquida (ecoline), pastel seco e lápis de cor, mesclando com fotografias, e fazendo uso da tipografia como parte das cenas ilustradas, buscando uma relação do texto com a imagem.

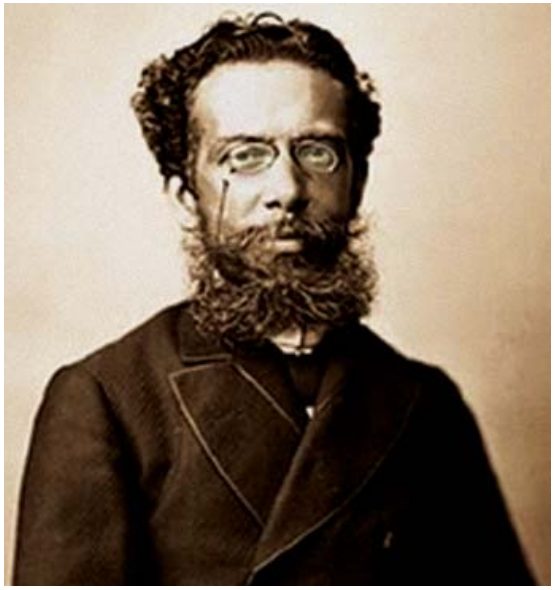


Figura 2 - Foto de Machado de Assis aos 40 anos.

Machado de Assis[1]

Machado de Assis (Joaquim Maria M. de A.) nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. Filho do operário Francisco José de Assis e de Maria Leopoldina Machado de Assis perdeu a mãe muito cedo, tendo sido criado no morro do Livramento.

Sem recursos financeiros para fazer cursos regulares, o jovem Machado estudou como pôde e, em 1854, com 15 anos incompletos, publicou seu primeiro trabalho literário, o soneto "À Ilma. Sra. D.P.J.A.", no Periódico dos Pobres, número datado de 3 de outubro de 1854. Dois anos depois entrou para a Imprensa Nacional, como aprendiz de tipógrafo, onde conheceu Manuel Antônio de Almeida, que se tornou seu protetor. Em 1858, era revisor e colaborador no Correio Mercantil e, em 1860, a convite de Quintino Bocaiúva, passou a pertencer à redação do Diário do Rio de Janeiro, escrevendo regularmente também para a revista O Espelho, onde estreou como crítico teatral, a Semana Ilustrada e o Jornal das Famílias, publicando de preferência contos.

O primeiro livro publicado por Machado de Assis foi a tradução de "Queda que as mulheres têm para os tolos" (1861), impresso na tipografia de Paula Brito. Em 1862, foi censor teatral, cargo não remunerado, mas que lhe dava ingresso livre nos teatros. Começou também a colaborar em "O Futuro", órgão dirigido por Faustino Xavier de Novais, irmão de sua futura esposa.

1 Informações extraídas do site http://www.machadodeassis.org.br/

O primeiro livro de poesias de Machado, "Crisálidas", foi publicado em 1864. Em 1867, foi nomeado ajudante do diretor de publicação do Diário Oficial. Em agosto de 69, morreu Faustino Xavier de Novais e, menos de três meses depois (12 de novembro de 1869), Machado de Assis se casou com a irmã do amigo, Carolina Augusta Xavier de Novais, sua companheira durante 35 anos.

O primeiro romance "Ressurreição" saiu em 1872. No ano seguinte, Machado foi nomeado primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, iniciando a carreira de burocrata que lhe seria até o fim o meio principal de sobrevivência.

Em 1874, publicou o romance "A mão e a luva" em folhetins em O Globo (jornal de Quintino Bocaiúva). Intensificou também a colaboração em jornais e revistas, como O Cruzeiro, A Estação, Revista Brasileira (ainda na fase Midosi), escrevendo crônicas, contos, poesia, romances, que inicialmente eram publicados no formato de folhetins e mais tarde eram publicados na íntegra em livros. Uma de suas peças "Tu, só tu, puro amor", foi escrita especialmente para ser levada à cena no Imperial Teatro Dom Pedro II (junho de 1880), por ocasião das festas organizadas pelo Real Gabinete Português de Leitura para comemorar o tricentenário de Camões.

De 1881 a 1897, publicou na Gazeta de Notícias as suas melhores crônicas. Em 1880, o poeta Pedro Luís Pereira de Sousa assumiu o cargo de ministro interino da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e convidou Machado de Assis para seu oficial de gabinete (ele já estivera no posto, antes, no gabinete de Manuel Buarque de Macedo).

Em 1881, foi publicado o livro que daria uma nova direção à carreira literária de Machado, "Memórias póstumas de Brás Cubas", publicado inicialmente em formato de folhetins na Revista Brasileira (15/03 a 15/12/1880). Publicou a coletânea de contos "Papéis avulsos" (1882). Em 1889, foi promovido a diretor da Diretoria do Comércio no Ministério em que servia.

Continuou colaborando na Revista Brasileira também na fase dirigida pelo amigo e escritor paraense José Veríssimo. Do grupo de intelectuais que se reunia na Redação da Revista, e principalmente de Lúcio de Mendonça, partiu a idéia da criação da Academia Brasileira de Letras, projeto que Machado de Assis apoiou desde o início. Comparecia às reuniões preparatórias e, no dia 28 de janeiro de 1897, quando se instalou a Academia, foi eleito presidente da instituição. Escolheu o nome do amigo José de Alencar, autor de "O Guarani", que morrera cerca de vinte anos antes da fundação da ABL, para seu patrono. Foi o fundador da cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras. Ocupou por mais de dez anos a presidência da Academia, que passou a ser chamada também de Casa de Machado de Assis.

Foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo. A sua obra abrange, praticamente, todos os gêneros literários. Na poesia, inicia com o romantismo de "Crisálidas" (1864) e "Falenas" (1870), passando pelo Indianismo em "Americanas" (1875), e o parnasianismo em "Ocidentais" (1901). Publicou as coletâneas de "Contos fluminenses" (1870) e "Histórias da meia-noite" (1873); os romances "Ressurreição" (1872), "A mão e a luva" (1874), "Helena" (1876) e "Iaiá Garcia" (1878), considerados como pertencentes ao seu período romântico. A partir daí, Machado de Assis entrou na grande fase das obras-primas, que fogem a qualquer denominação de escola literária e que o tornaram o escritor maior das letras brasileiras e um dos maiores autores da literatura de língua portuguesa.

A obra de Machado de Assis foi, em vida do autor, editada pela Livraria Garnier, desde 1869; em 1937, W. M. Jackson, do Rio de Janeiro, publicou as "Obras completas", em 31 volumes. Raimundo Magalhães Júnior organizou e publicou, pela Civilização Brasileira, os seguintes volumes de Machado de Assis: "Contos e crônicas" (1958); "Contos esparsos" (1956); 'Contos esquecidos" (1956); "Contos recolhidos" (1956); "Contos avulsos" (1956); "Contos sem data" (1956); "Crônicas de Lélio" (1958); "Diálogos e reflexões de um relojoeiro" (1956).

Em 1975, o Ministério da Educação e Cultura instituiu a Comissão Machado de Assis, encabeçada pelo presidente da Academia Brasileira de Letras, que organizou as "Edições críticas de obras de Machado de Assis", reunindo contos, romances e poesias desse escritor máximo da literatura brasileira, publicada em 15 volumes pela Civilização Brasileira.

Discurso de Inauguração da Academia[2]

DISCURSO DE MACHADO DE ASSIS

Pronunciado na sessão inaugural da Academia Brasileira de Letras em 20 de julho de 1897, ao empossar-se Presidente.

SENHORES,

Investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É simbólico da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. Agora, que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança.

Não é preciso definir esta instituição. Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova, naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige, não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância.

A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloqüência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão.

2 Fonte: site da academia Brasileira de Letras (ABL), disponível em: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=659&sid=240

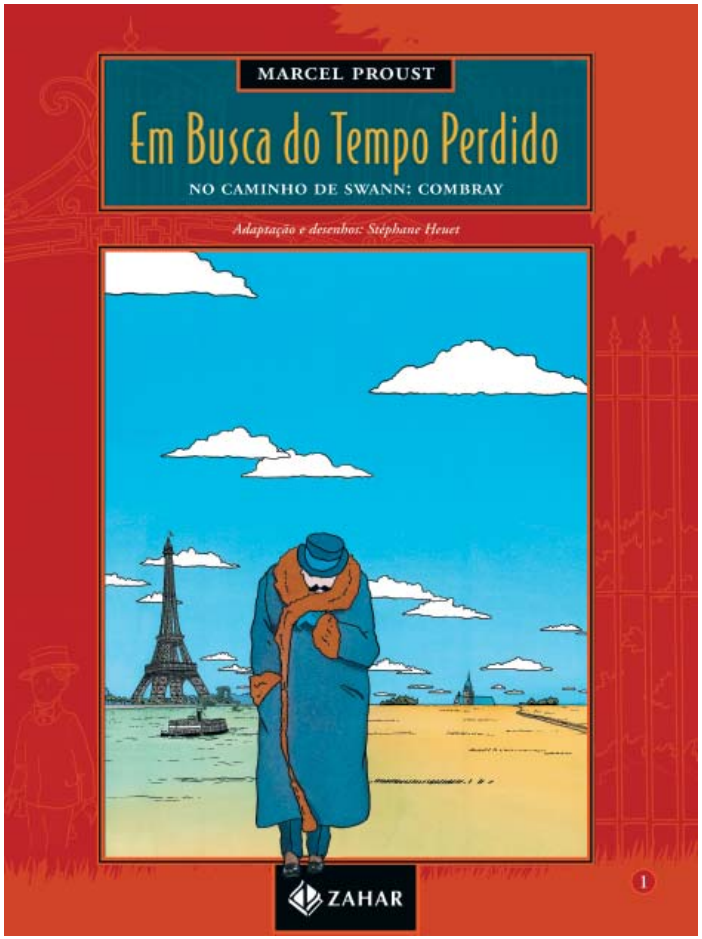


Figura 3 - Capa do conto "Em busca do tempo perdido" de Marcel Proust ilustrado em quadrinhos.

Similares

Foram pesquisados alguns exemplos de produtos que usam a ilustração unida à literatura e que têm semelhanças com a proposta do presente projeto.

Eis alguns exemplos de literatura clássica ilustradas.

Figura 4 - Quadros do conto "Em busca do tempo perdido"de Marcel Proust ilustrado em quadrinhos.

Figura 5 - Literatura Brasileira em quadrinhos.

Figura 6 - Eu na exposição "Saul Steinberg: As aventuras da linha" no IMS.

Referências visuais

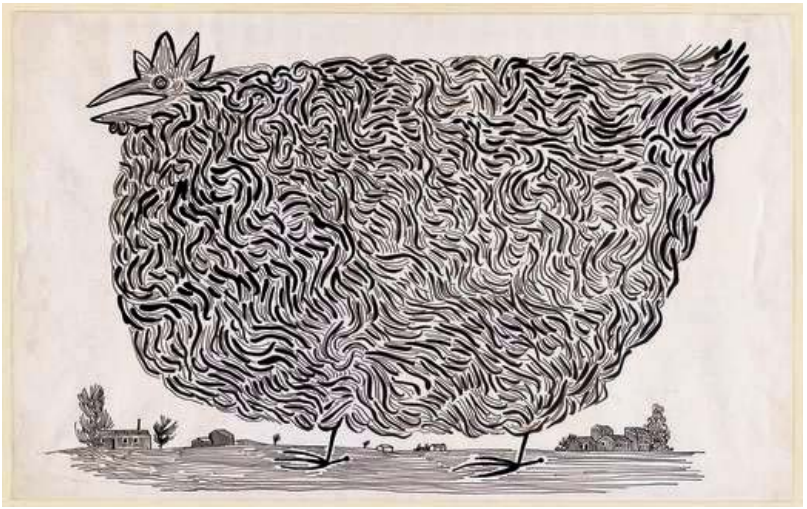
Junto as referências visuais citadas anteriormente, trouxe ao longo do meu processo, referências como Saul Steinberg[3], Toulouse-Lautrec[4] e J. Carlos[5]. Esses nomes, considerados gênios, me foram importantes como base de conhecimento, e pude aprender muito, não só no quesito ilustração ou pintura, como historicamente. Pude observar as magníficas obras, e tive o privilégio de ver obras originais de Saul Steinberg na exposição "Saul Steinberg: As aventuras da linha", ocorrida no IMS (Instituto Moreira Salles), em 2011.

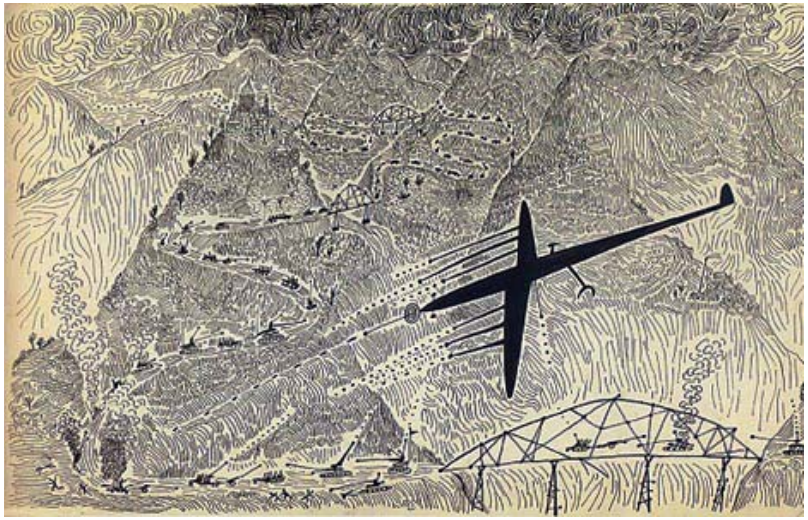
3 **Saul Steinberg** - Desenhista e cartunista no meio editorial de 1936 a 1999, durante parte do século XX publicou em revistas de destaque no cenário mundial, em especial na New Yorker. Importante referência sua é o personagem anônimo de seus cartuns, homenzinho narigudo que, provavelmente, inspirou boa parte da produção posterior de cartum, animação e propaganda.

Em 18 de setembro de 1952, o Museu de Arte de São Paulo, dirigido por Pietro Maria Bardi, inaugura a exposição dedicada à obra de Steinberg.

4 **Toulouse-Lautrec -** foi um pintor pós-impressionista e litógrafo francês, conhecido por pintar a vida boêmia de Paris do final do século XIX. Revolucionou o design gráfico dos cartazes publicitários, ajudando a definir o estilo que seria posteriormente conhecido como Art Nouveau.

5 **J. Carlos -** É considerado um dos maiores representantes do estilo Art déco no design gráfico brasileiro. Estreou na imprensa brasileira aos 18 anos, na revista O Tagarela. Em 1908, estava presente, desde o primeiro número, na revista Careta como caricaturista, ilustrador ou editor. Em 1921, J. Carlos assumiu a direção das publicações O Malho. Passou dentre outras, por Para Todos, Ilustração Brasileira, O Tico-Tico e Fon-Fon.





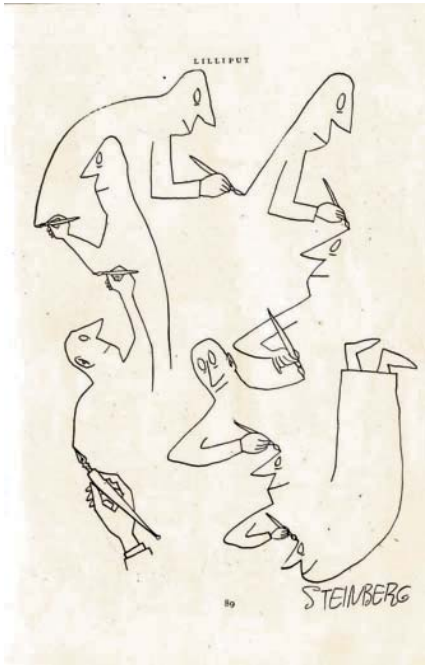


Figura 7 - Obras de Saul Steinberg.

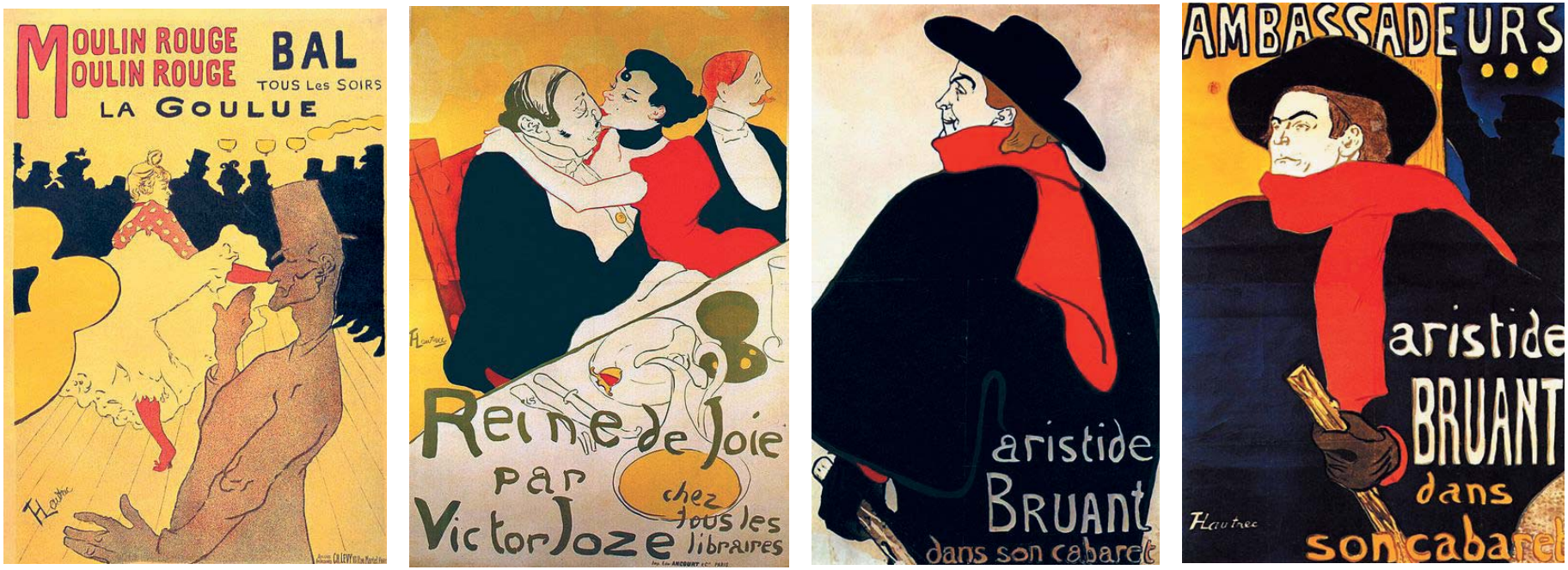
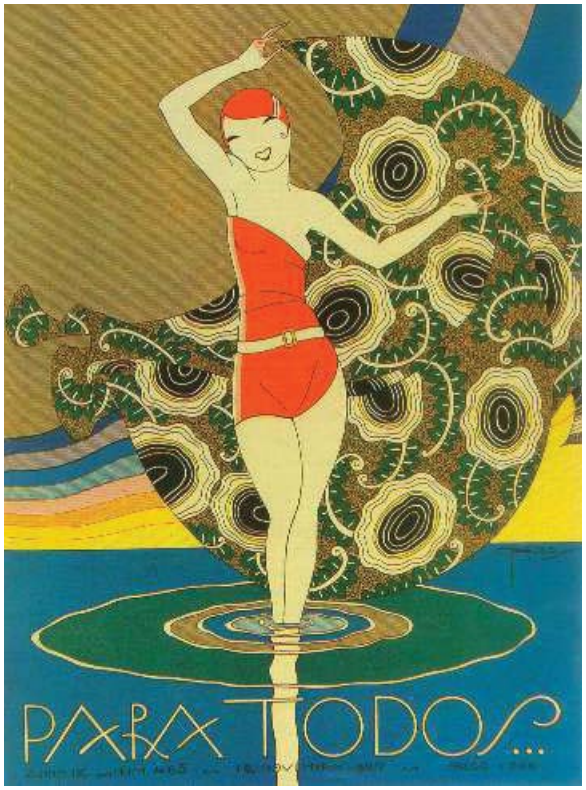
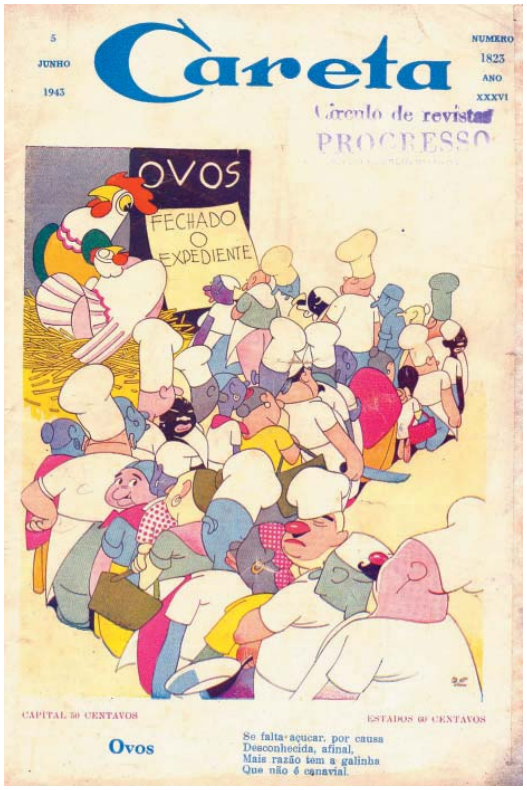
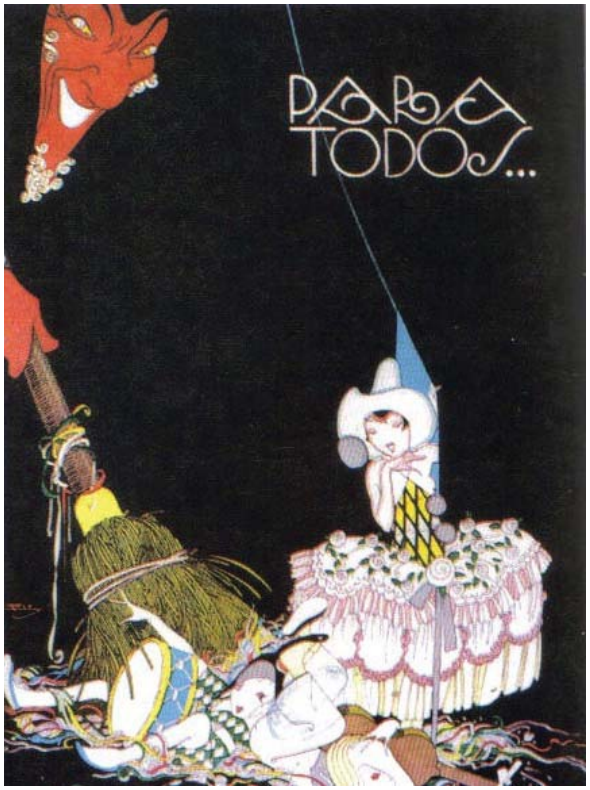


Figura 8 - Obras de Toulouse-Lautrec.







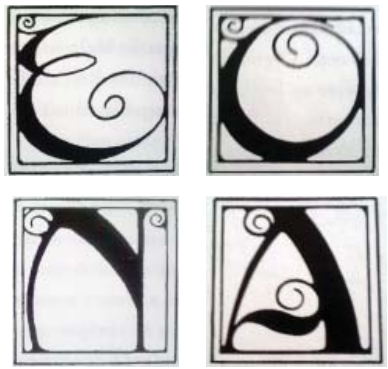


Figura 9 - Obras de J. Carlos.

Parte 3

Desenvolvimento

Editoração

Seleção de contos

Foram selecionados três contos para estudos, a saber: “A cartomante”, “A carteira” e “Trio em lá menor”, todos têm como cenário a cidade do Rio de Janeiro. Em seguida elaborei uma síntese dos contos, para analisar detalhes pontuais. Dentre esses, decidi ilustrar “A carteira”.

Resumo dos contos:

A cartomante

Um conto sobre adultério, tendo como protagonistas: Vilela, Camilo e Rita. Os dois primeiros, amigos de infância, e Rita esposa de Vilela. Esta faz uma visita a uma cartomante para saber sobre os sentimentos de Camilo por ela, com quem mantinha uma relação adúltera.

Ao decorrer do conto Camilo recebe uma carta anônima que diz que Vilela está a par do romance indevido. Tal fato faz com que Camilo se ausente da casa do amigo, que antes frequentava assiduamente. A ausência de Camilo, por sua vez, desperta a desconfiança de Vilela. Rita procura uma cartomante e fala a Camilo

Vilela manda um bilhete a Camilo pedindo que o encontre em sua casa. Rita havia consultado uma cartomante e dito a Camilo, que mesmo incrédulo, também a procurasse. Após ponderar, Camilo vai ao encontro da tal cartomante. Depois da consulta, ele decide ir à casa de Vilela. Chegando lá encontra Rita morta, e em seguida também é morto por Vilela.

Trio em lá menor

O conto é dividido em quatro partes: adagio cantabile, allegro ma non troppo, alegro apassionato e minueto. Maria Regina, jovem bela e elegante. Sofredora de um dilema, pois em busca do verdadeiro amor, não consegue decidir entre dois homens: Miranda e Maciel.

Maciel, mais jovem, 27 anos, é conhecedor da boemia. Cheio de vivacidade, alegria, gosta de futilidades, demonstrando ser materialista e adepto ao mundo de moda e fofocas. Miranda, ao contrário, é mais maduro e, logo, mais sério. Não tem a mesma energia que Maciel, mas sua companhia lhe agrada. A moça não se decide por nenhum deles, e, na presença de um, imaginava o outro e vice-versa.

Termina por ouvir uma voz que lhe diz: ”É a tua pena, alma curiosa de perfeição; a tua pena é oscilar por toda a eternidade entre dois astros incompletos, ao som desta velha sonata do absoluto: lá, lá. lá..” Concluindo, termina na solidão

A carteira (conto escolhido para o projeto)

Um conto sobre um jovem advogado endividado, Honório, que encontra uma carteira recheada de dinheiro suficiente para sanar suas dívidas. Entretanto, depois de muita luta consigo mesmo em remexer o objeto achado, descobre que a carteira pertencia a um amigo de família e também advogado, Gustavo.

Devolvida a carteira, o amigo fica desconfiado e logo confere tudo na carteira, preocupado que ficou com um bilhete de amor direcionado à esposa de Honório, D. Amélia, bilhete esse que não foi lido pelo traído.

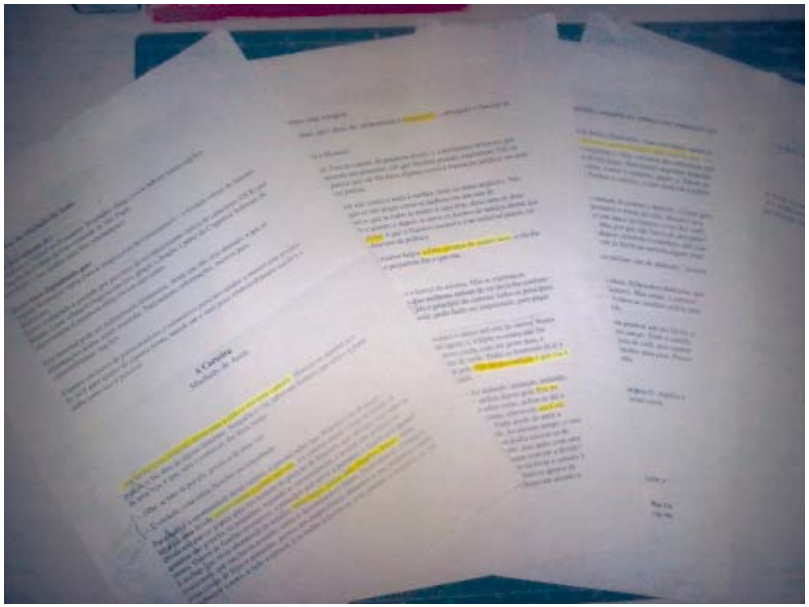


Figura 10 - Exemplar impresso do conto "A carteira" para trabalho com marcações de texto em potencial para desenvolver as ilustrações.

Analisando o texto

Feito a análise e definido o conto com o qual trabalharia, deu-se ínicio ao estudo de possíveis trechos do texto com potencial de serem ilustrados. Fui marcando esses trechos para em seguida criar um roteiro. Inicialmente, não foi feito um *storyboard*. Apenas separei os trechos do texto e fui avançando no desenvolvimento das ilustrações baseadas nessas marcações.

Figura 11 - Fotografias que serviram como base para ilustração do Largo da Carioca.

Desenvolvimento das Ilustrações

Levantamento de imagens

Concluída a etapa anterior, foi feito um levantamento de imagens antigas do Rio de Janeiro e a separação das que seriam utilizadas no projeto como referência para ilustrar. Dentro desse levantamento, foi feito também pesquisa de roupas características da época, para desenvolver os personagens. Para os personagens homens, basicamente terno, e para a personagem feminina, vestidos.

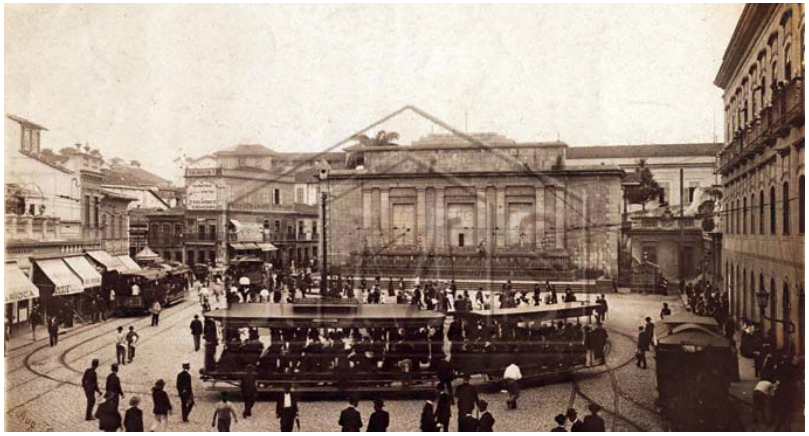


Figura 12 - Fotografias que serviram como base para ilustração do Chafariz do Largo da Carioca.

Figura 13 - Fotografia que serviu como base para a ilustração do Largo do São Francisco.

Figura 14 - Imagens contendo vestidos de época, em destaque o modelo que serviu como base para a vestimenta da personagem. Um modelo de 1872.

Figura 15 - Foto de Machado de Assis rodeado de amigos (1901). Em pé aparecem Artur Azevedo, Inglês de Souza e Olavo Bilac, entre outros. Usei esta foto como referência para desenhar a vestimenta masculina, basicamente terno mais a cartola.

Figura 16 - Estudos com blocos para base de perspectiva.

Primeiros desenhos

Ao iniciar a produção do que seriam as ilustrações propriamente ditas, pus-me como modelo e me fotografei para observar posições em perspectiva. Também fiz estudos com blocos de pedras, montando o cenário de acordo com o roteiro feito.

Na primeira versão, utilizei desenhos basicamente em preto e branco, a nanquim, com poucas interferências de cor, e fotografias como base de perspectiva. Como dito anteriormente, estes conceitos mantive na versão posterior. Os primeiros resultados não foram satisfatórios.

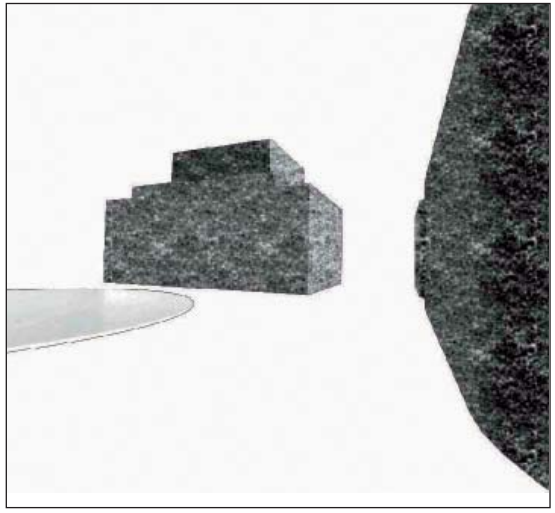
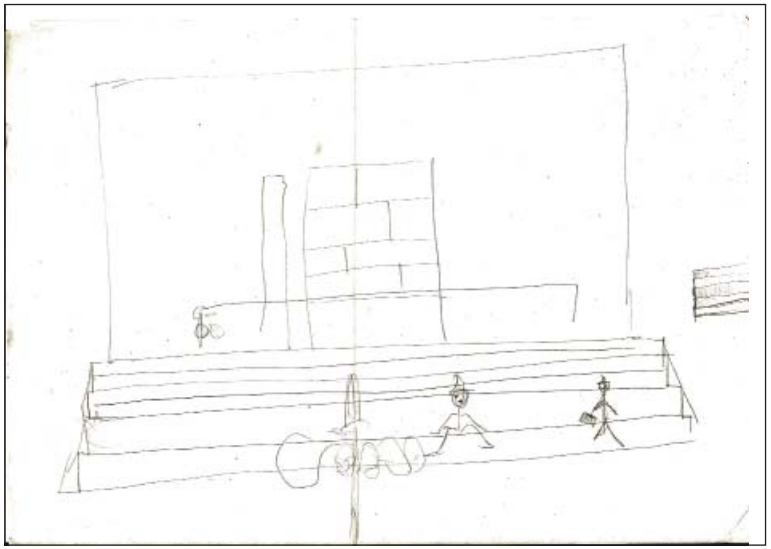
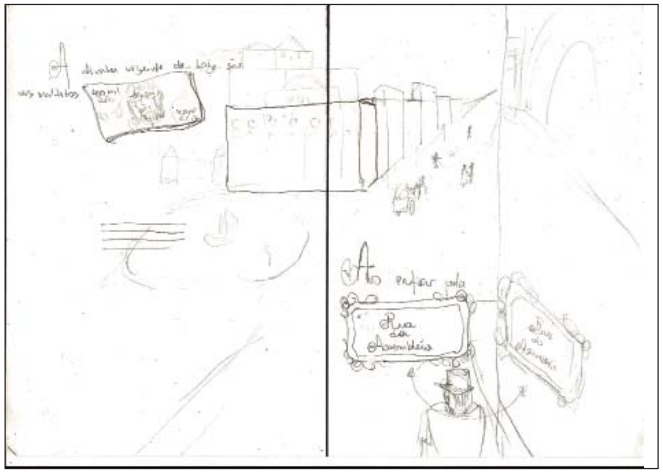
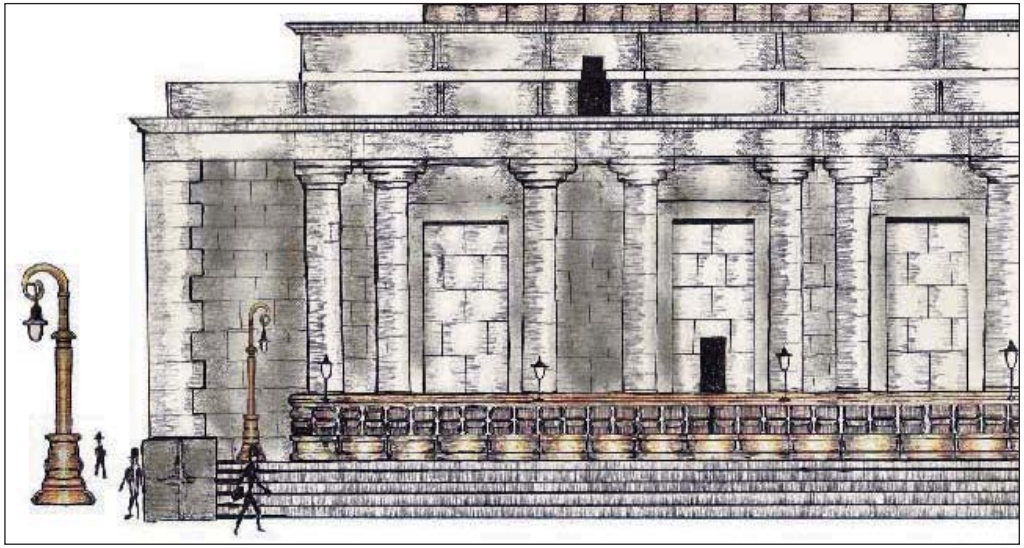


Figura 17 - Blocos elaborados em 3D a partir dos estudos com fotografias.







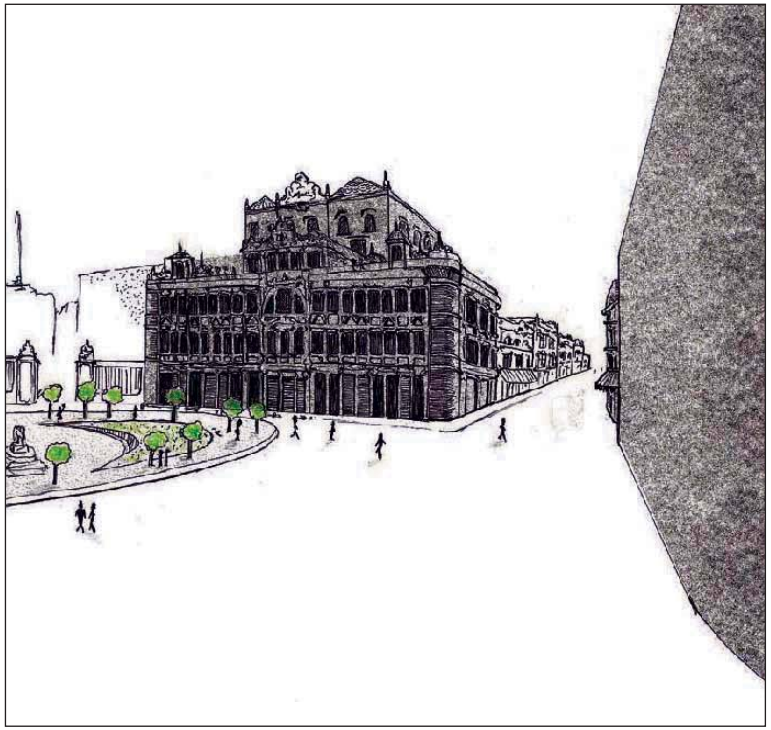


Figura 18 - Rascunhos e resultados dos estudos com blocos.

Figura 19 - Estudos de posições para cena do conto, em destaque a foto selecionada para base de ilustração.

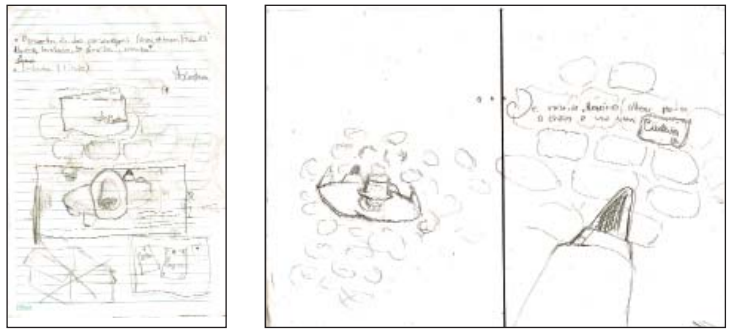
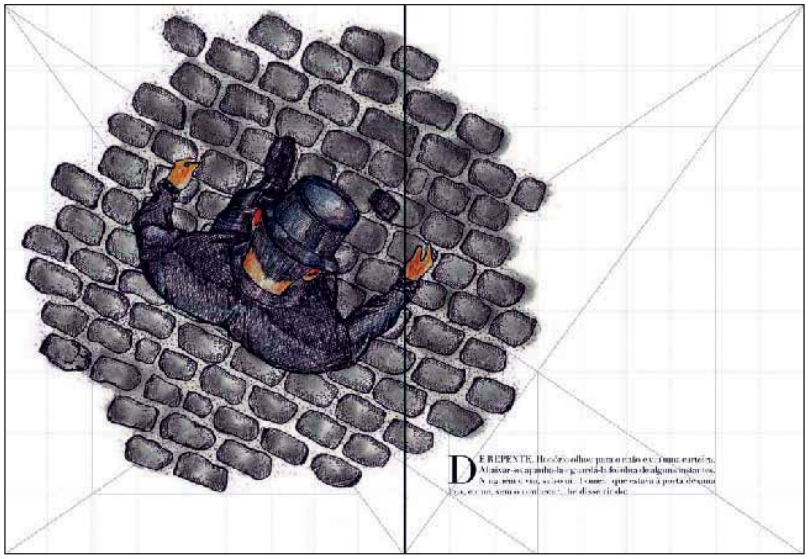
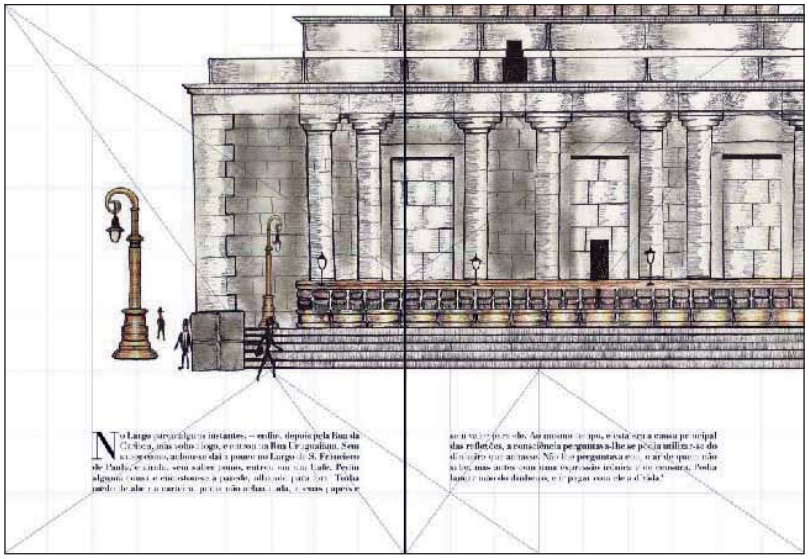


Figura 20 - Rascunhos e resultado oriundo da observação de posições.





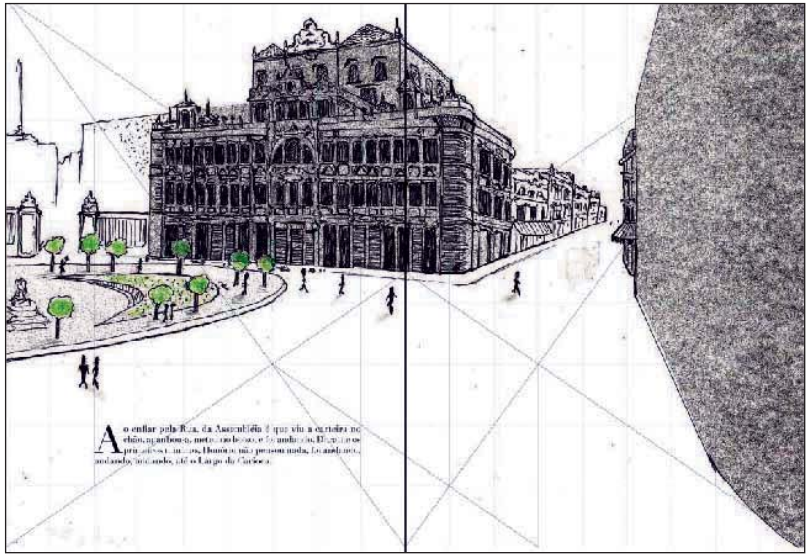


Figura 21 - Primeiras tentativas de layouts.

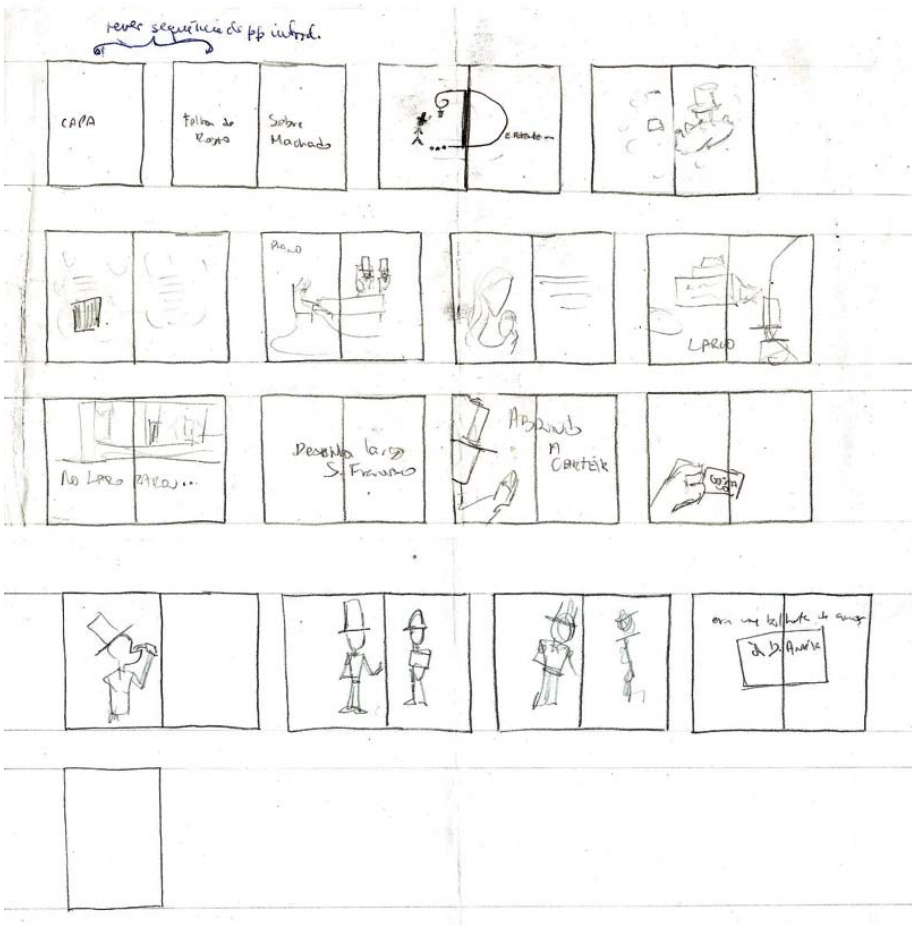


Figura 22 - Storyboard simples feito a partir das marcações textuais para me guiar na ordem das cenas a serem ilustradas.

Refazendo as ilustrações

Depois da primeira tentativa, reestudei o texto e a maneira como faria essas representações. Criei um *storyboad* baseado no roteiro inicial e nas novas marcações textuais. Fiz uso das cores da aquarela líquida (ecoline), junto com pastel seco, lápis de cor e o próprio nanquim para alguns detalhes, evitando o básico preto e branco com pouca inserção de cores.

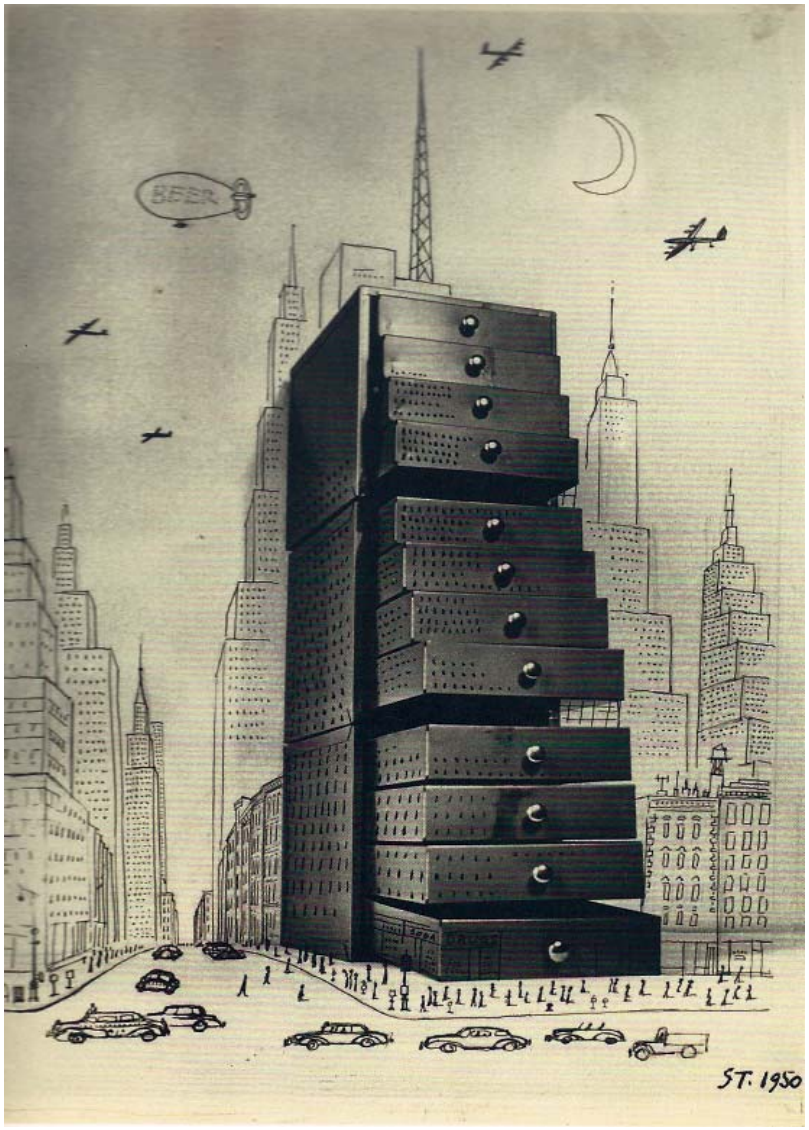


Figura 23 - Desenho mesclado com fotografia de Saul Steinberg.

Texturas a partir de fotografia

Para duas ilustrações fiz uso de textura a partir de fotos, mais precisamente da representação do Largo da Carioca e do antigo Chafariz do Largo. Para as duas cenas respectivas, os dois desenhos foram refeitos (devido ao mau resultado anterior), porém mantive o conceito dos desenhos anteriores. Um novo estudo com blocos foi feito buscando explorar a textura do objeto fotografado.

A ideia de utilizar a fotografia como base para textura surgiu depois da visita à exposição "As aventuras da linha" de Saul Steinberg, no Instituto Moreira Salles (IMS), onde o autor dos desenhos cria ilustrações em cima de fotografias.

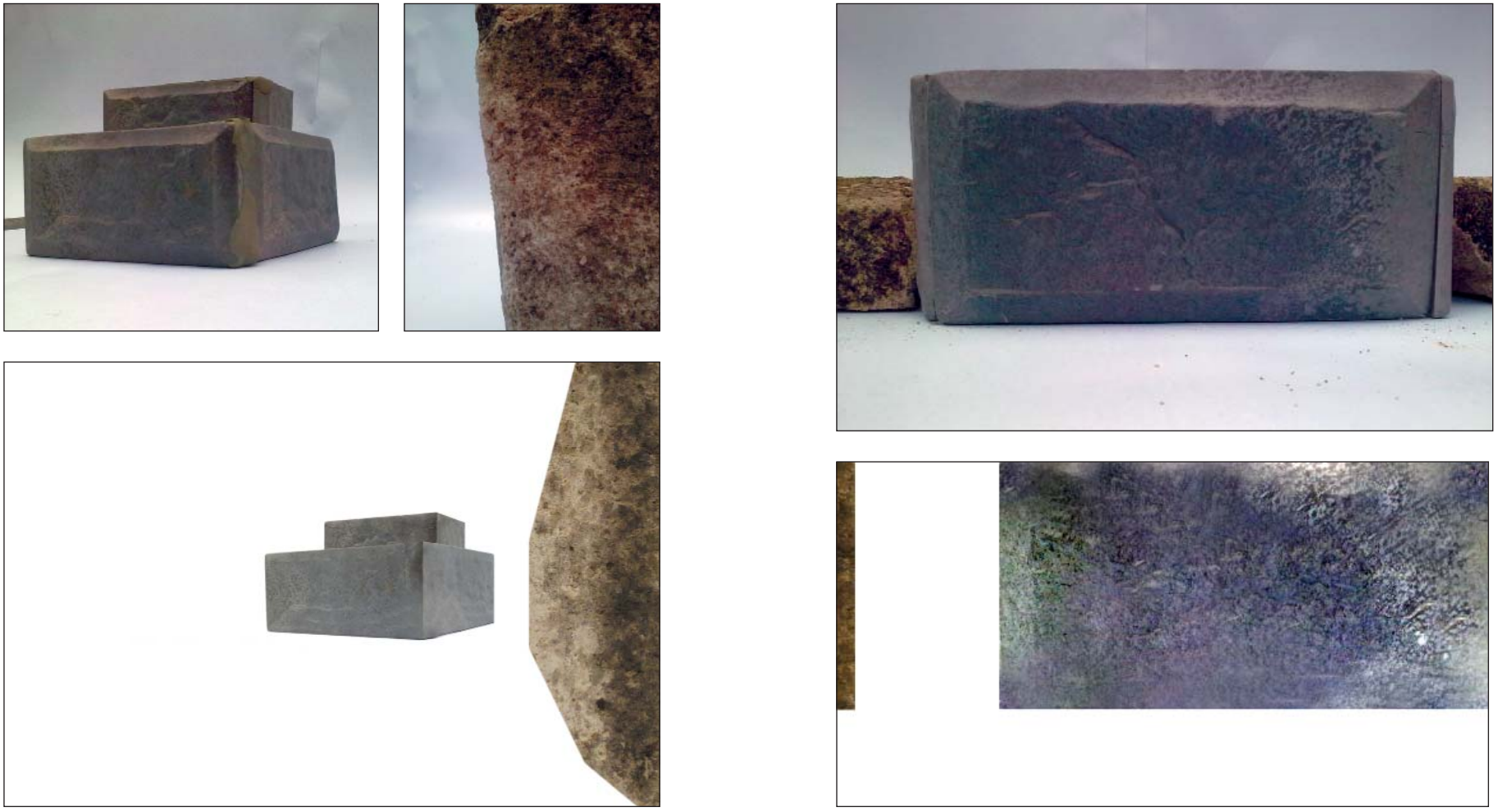


Figura 24 - Estudos com blocos, refino e preparação das imagens para desenvolver os desenhos.

Figura 25 - Ilustrações resultantes do segundo estudos com blocos, nas cenas foram representados o Hospital da Venerável Ordem Terceira da Penitência e o antigo Chafariz. Ambos faziam parte do Largo da Carioca.

Figura 26 - Cartola de papel feita para auxiliar na observação.

Estudos de posições

Seguindo no desenvolvimento da produção dos desenhos, encontrei a necessidade de elaborar novas fotografias e utilizei uma nova ferramenta para a criação da versão que se tornaria a oficial. Produzi um objeto (uma cartola de papel) que me auxiliaria na observação da perspectiva para elaborar o desenho.

As imagens ao lado e na próxima página demonstram um exemplo do processo.

Figura 27 - Segundo estudos de posições e o desenho resultante. Em destaque a foto selecionada para base de ilustração.

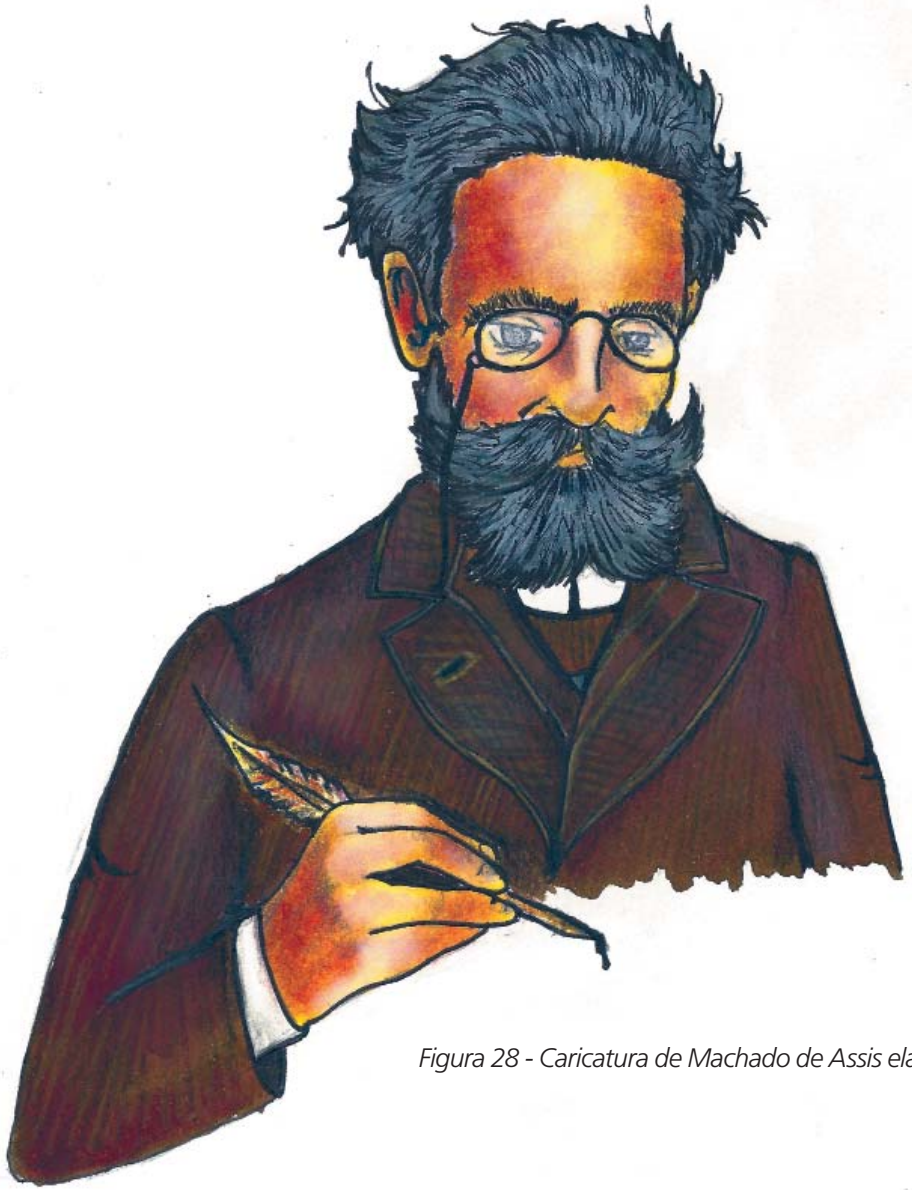
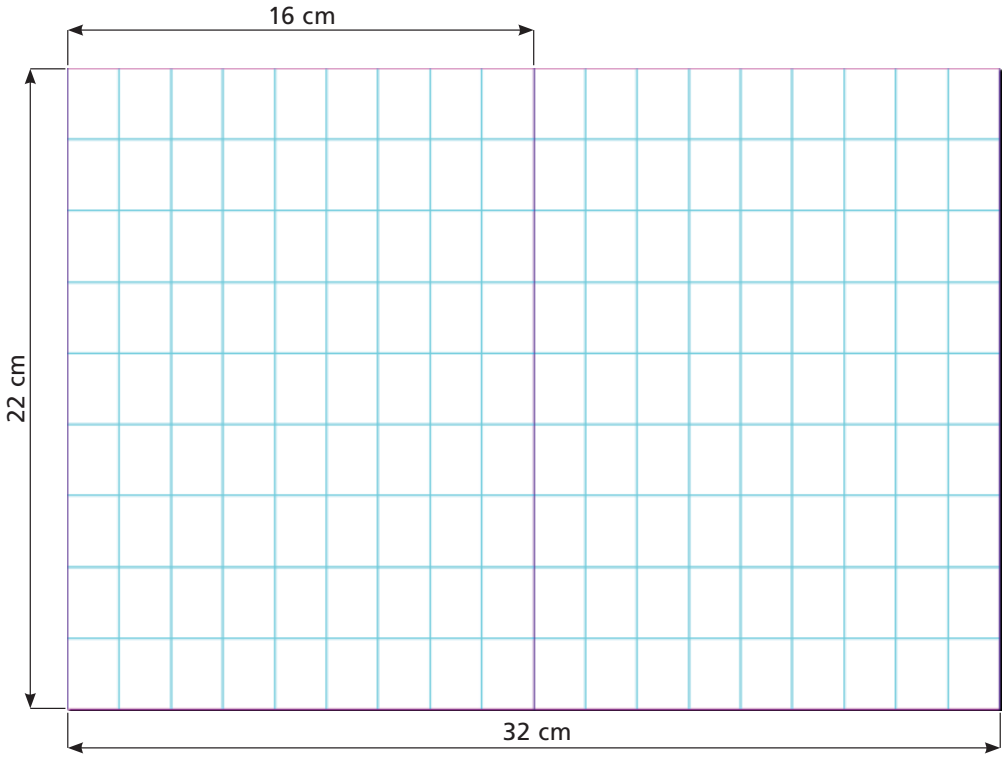


Figura 28 - Caricatura de Machado de Assis elaborada para a capa do livro.

As ilustrações

Ao todo foram compostas 14 cenas ilustradas para a elaboração do livro, contando com os exemplos anteriores, e mais uma para a capa. Nessa última mencionada, vi a oportunidade de pôr, ao menos, uma caricatura no meu projeto: um desenho de Machado de Assis. Desta forma, sugerindo que as novas coleções de outros autores literários seguissem a mesma linguagem de identificação autoral das obras, apresentando uma caricatura do homenageado.



Projeto gráfico

Formato

Para o formato do livro foi definido o tamanho de 16cm x 22cm, formato fechado, e aberto ficando em 32cm x 22cm. Essa escolha foi baseada no pensamento de produção, já que pelo roteiro e *storyboard*, calculei que necessitaria de 36 páginas de miolo, assim sendo, 2 cadernos de 18, usando duas folhas 66cm x 96cm.

Usei um grid modulando a página em 9 x 9. Essa divisão me permitiria uma certa liberdade para variação de disposição dos textos de acordo com a posição da ilustração.

Encadernação: brochura.

Miolo em papel couché.

Gramatura 120g/m^2.

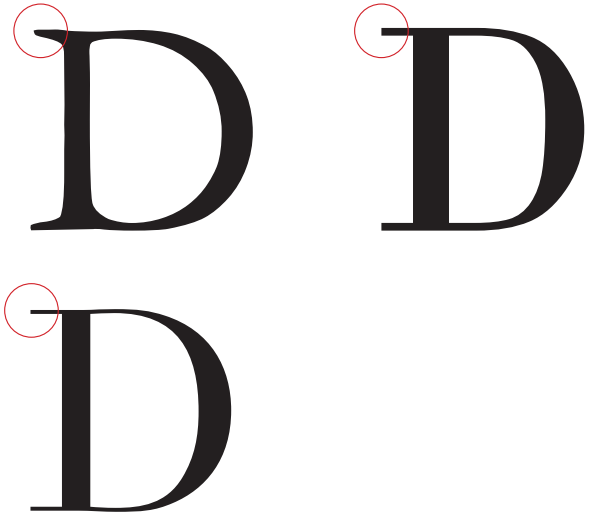


Figura 29 - Exemplo da diferença de serifa entre os tipos Garamond, Bodoni, respctivamente e abaixo Didot LT Std Roman.

Escolha da tipografia

Pus como restrição do projeto, que a tipografia a ser usada no texto do conto seria serifada.

Foram analisadas a princípio três famílias tipográficas diferentes para estudar o comportamento do texto, a saber: Garamond[6], Bodoni[7] e a Didot[8]. Fiz testes de impressão para observar diferenças de tamanho de corpo e detalhes da serifa.

Feito esses testes, a tipografia escolhida para o texto do conto foi a família Didot. Para eleger este tipo, foi levado em conta a serifa fina e reta, diferente das outras que possuíam serifas mais complexas ou mais grossas. Tal escolha foi ainda influenciada pelo pensamento em desenvolver as capitulares e essa característica da fonte ajudaria nessa questão projetual.

6 **Garamond -** Tipografia baseada nas punções de Claude Garamond (Paris, 1490 - 1561), desenhadas aproximadamente em 1530.

7 **Bodoni -** baseada nas punções de Giambattista Bodoni, desenhadas entre 1765 e 1813.

8 **Didot -** Redesenhada por Adrian Frutiger, baseada nas fontes gravadas por Firmin Didot, em Paris, entre 1799 e 1811.

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890!@#$%*()

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890!@#$%*()

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890!@#$%*()

Figura 30 - Família tipográfica Didot, em ordem de cima para baixo: Didot LT Std Roman (usada para o corpo do texto), Didot LT Std Bold (usada para frases ou palavras com ênfase) e Didot LT Std Headline (usada para o título do conto na folha de rosto e na capa).

Mancha do texto

Para a mancha de texto foi usado o corpo 12,5pt/20pt, *kerning* ótico com *tracking* de 10pt e entre parágrafos 2mm alinhados à esquerda, sem hifenação quando o texto estava na página esquerda, e à direita quando o texto estava na página direita.

Quando o texto tinha alguma ênfase em palavras, ou frases, foi valorizado usando o recurso de aumentar a tipografia para o tamanho 20pt e em formato bold. Para compensar opticamente o entre linhas da frase abaixo usou-se 20pt/15pt. O restante ficou com o mesmo valor.

Outro detalhe: exceto na frase "Eram cinco horas da tarde", foi utilizado um tom alaranjado (C=0, M=50, Y=100, K=10), nas frases e palavras com esse destaque.

Figura 31 - Inserção da cédula de Réis na ilustração e papel simulando bilhete.

Inserção de fotografias[9] nas cenas

Em cinco cenas do conto, foram feitas montagens com inserção de fotografias como parte da ilustração, a saber: notas de Réis do início do século XX, foto de Machado de Assis, cartas de baralhos, estátua de José Bonifácio e uma folha amassada, simulando um bilhete contido na estória.

9 Fotografias da estátua, cartas de baralhos e eleboração do bilhete foram produções própria.

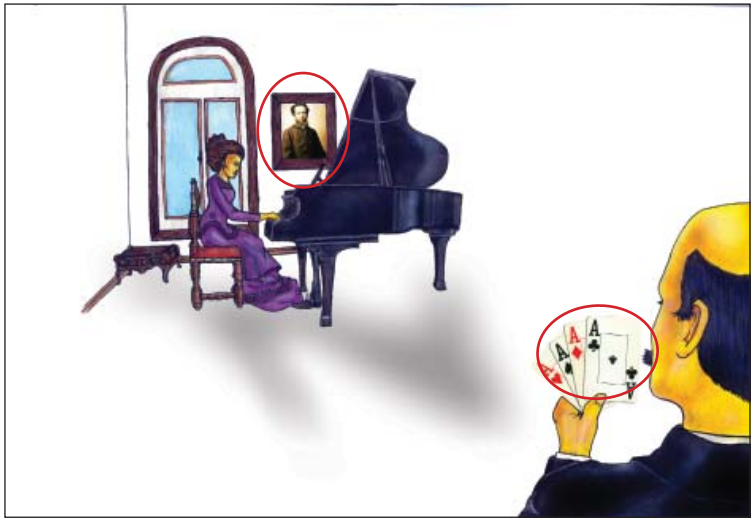


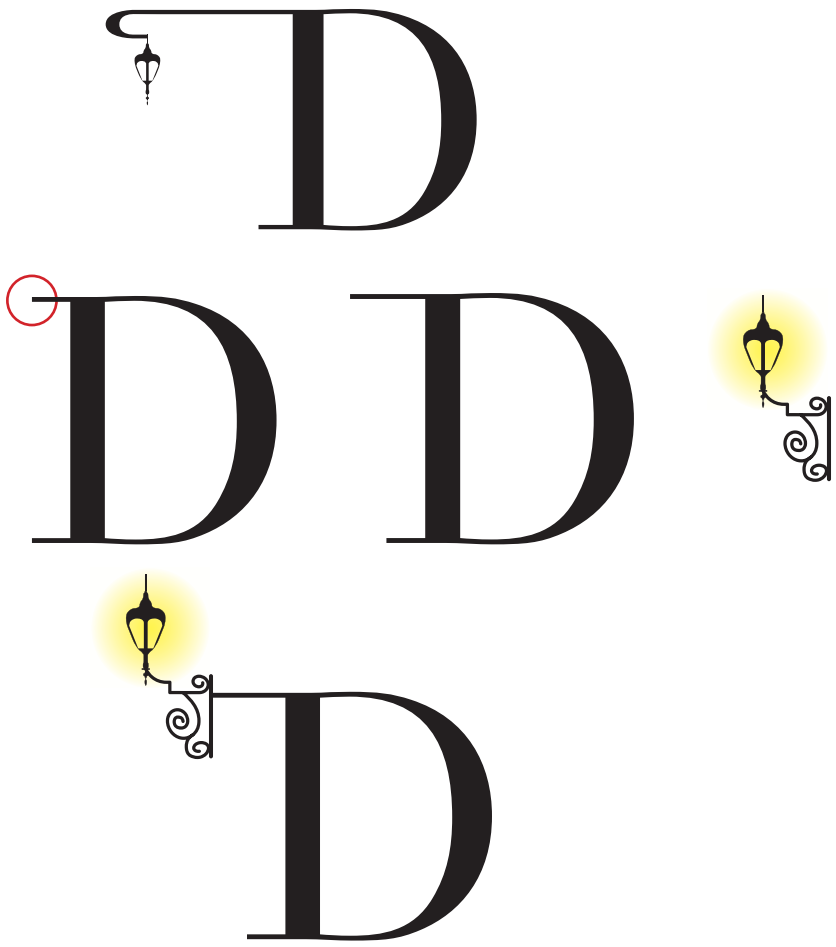
Figura 32 - Inserção da foto de Machado de Assis, cartas de baralho e estátua nas ilustrações.

Capitulares

Seleção das letras

As letras foram selecionadas de acordo com a potencialidade das cenas e sua junção com a imagem, sem perder a relação com o texto em si, exercendo os dois papéis: a de imagem e de texto ao mesmo tempo.

As letras selecionadas que possuem tais características foram: D, P, S, E e V.

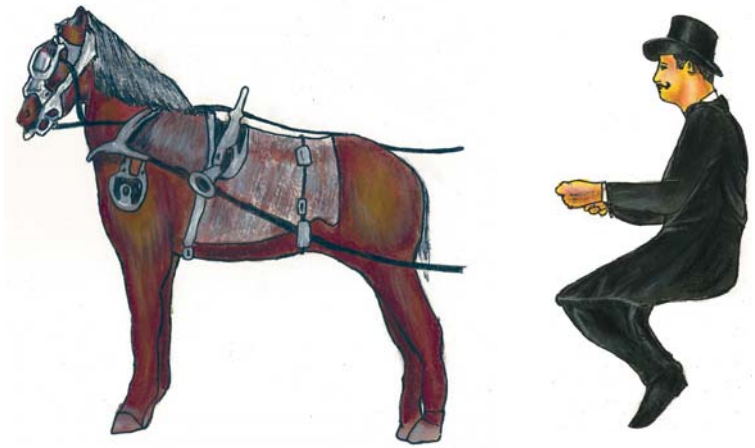


Letra D: ideia de sugerir uma luminária de rua, quando o personagem avista a carteira. Foi prolongada a serifa superior e unida ao desenho da lâmpada no suporte. No topo, a primeira versão que precisou ser mudada para a seguinte com o intuito de valorizar a ilustração do personagem.

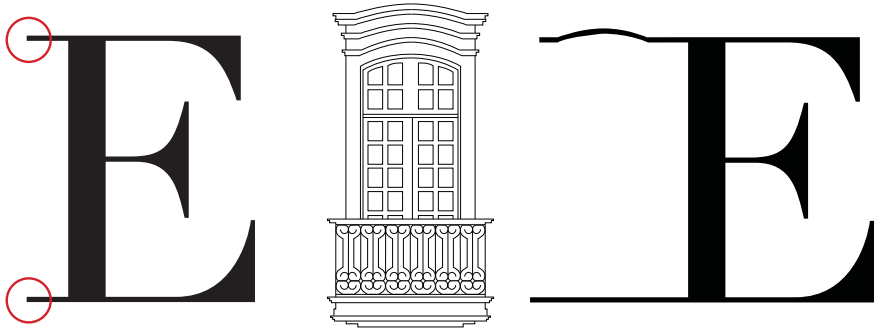
Desenvolvendo as capitulares

Todas as capitulares foram baseadas na tipografia principal do conto (Didot LT Std Roman), e a interferência foi feita basicamente em cima da serifa da tipografia, inserido novos elementos ou mesclando com fotografia ou ilustração.

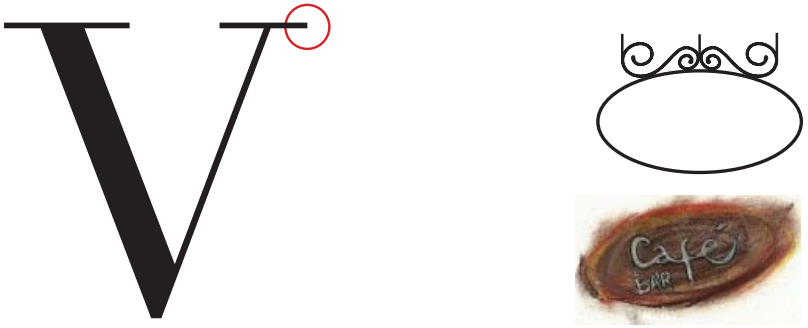
Letra P: foi feita uma alusão à carteira com o dinheiro à mostra. Foi a primeira inserção de fotografia no conto mesclando com a tipografia, que nesse caso não sofreu nenhuma interferência na forma original.



Letra S: uma mescla de tipografia e ilustração para formar uma representação de um tílburi. Nesse caso a letra ganhou um elemento a partir da serifa inferior que seria a extensão da própria, mais dois que seriam as rodas.



Letra E: representa uma janela com características da arquitetura comum da época do conto. Foi feito um prolongamento das serifas e elaborando uma curva que faria parte do desenho da janela.



Letra V: um suporte de uma placa que seria de um “café bar”, onde o personagem estaria. A serifa foi alongada para dar sensação de suporte e unida ao objeto.

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890!@#$%*()

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890!@#$%()*

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890!@#$%*()

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890!@#$%*()

Texto auxiliar

Os textos que fazem parte de informações que complementam o conteúdo do exemplar, tais como: apresentação, biografia de Machado de Assis, obras do autor, curiosidades e para os textos de orelhas da capa, foi usado tipografia sem serifa para diferenciar do tipo principal do conto.

Usou-se a família tipográfica Helvética.

Figura 33 - Família tipográfica Helvetica, em ordem de cima para baixo:
Helvetica Light (usada para o corpo do texto auxiliar), Helvetica Condensed Oblique (usada no logotipo na palavra "Contos"), Helvetica Bold Condensed (usada para títulos e marcações do texto auxiliar) e Helvetica Bold (usada no logotipo no nome "Machado de Assis").

Obs: No logo a preposição "de" no nome "Machado de Assis" usou-se a Helvetica55C Regular e o "de" da expressão "Contos de" usou-se a Helvetica Light Condensed Oblique, representadas a seguir na respectiva família:

de (Helvetica55C Regular) *de (Helvetica Light Condensed Oblique)*

Projeto de capa

Formato

A capa foi composta com orelhas de 8cm, que conteria informações sobre os outros títulos que fazem parte da coleção, mais uma breve introdução do conto.

Lombada quadrada (hotmelt) de 3mm.

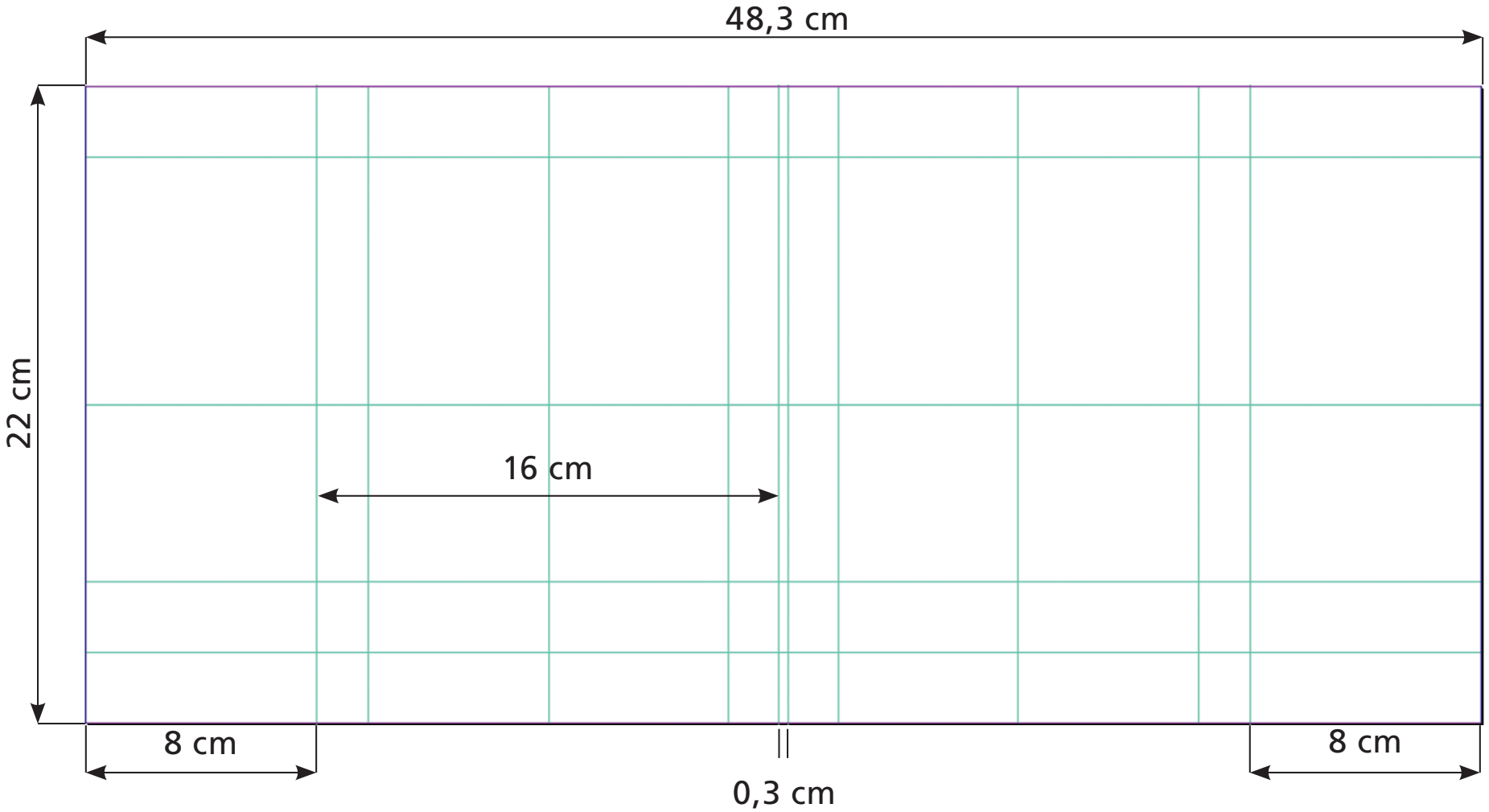
Papel couché (laminação fosca).

Gramatura 250g/m^2

Desenvolveu-se um logo que seria a assinatura da coleção em questão. Utilizou-se de uma caricatura do autor, sugerindo que as próximas coleções possuíssem um desenho do homenageado. Na quarta capa, fez-se uso da assinatura de Machado de Assis.

No todo da capa, utilizei uma silhueta, aludindo aos morros que fazem parte da paisagem carioca.

A modulação foi baseada no miolo, utilizando os módulos das extremidades como margem. E dentro deste, como base para encontrar o centro de página.


48,3 cm
22 cm
16 cm
8 cm
8 cm
0,3 cm

Contos de Machado

Logo da coleção

Para o logo, busquei um elemento iconográfico que remetesse a Machado de Assis. Antes da busca deste elemento foi feito um teste com um tipo cursivo, sem nenhum elemento figurativo, apenas usando cores. A ideia era utilizar a assinatura junto a tipografia, mais um ícone que representa o óculos, outro símbolo característico de remissão ao autor. Ver imagem ao lado. Ficou com ar confuso e excessivo.

Eliminei esses excessos e utilizei o ícone que representa os óculos e dentro desse elemento, baseei toda proporção de espaçamento e tamanho das letras.

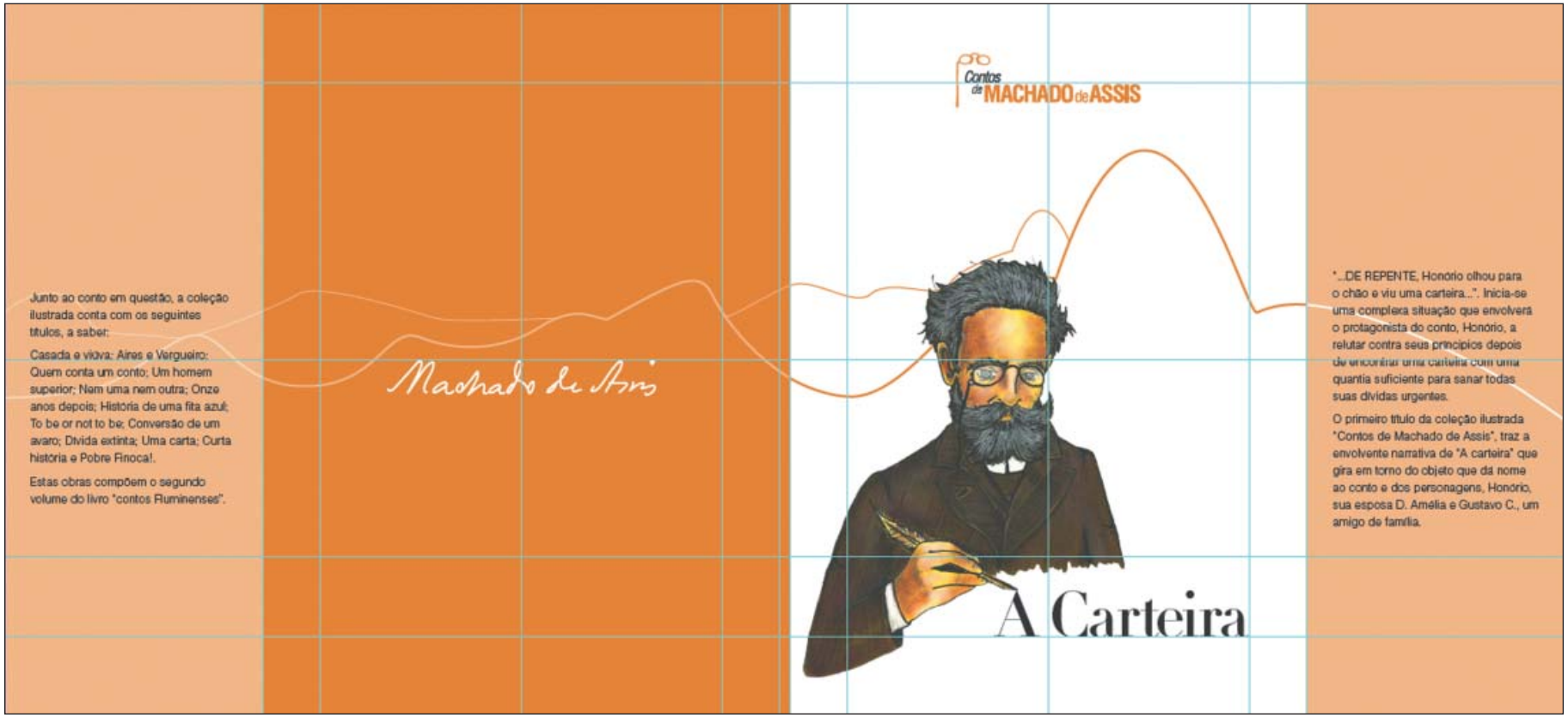
A tipografia utilizada foi a Helvética, a mesma família tipográfica usada para os textos auxiliares.

Ver representação de proporção na imagem ao lado.

Cores:

C=0 M=50 Y=100 K=10

C=0 M=0 Y=0 K=100



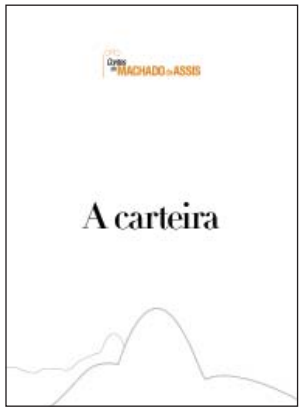
Cores de chapadas:

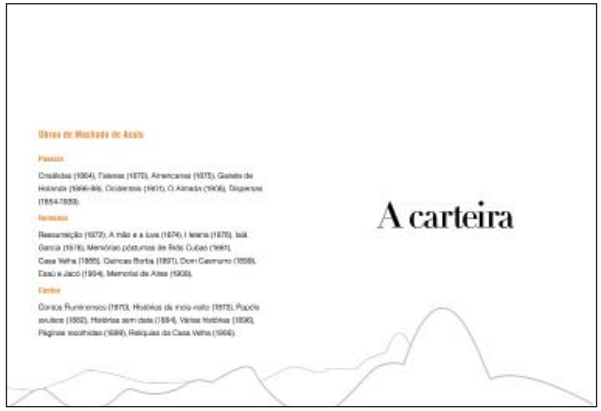
C=0 M=50 Y=100 K=10

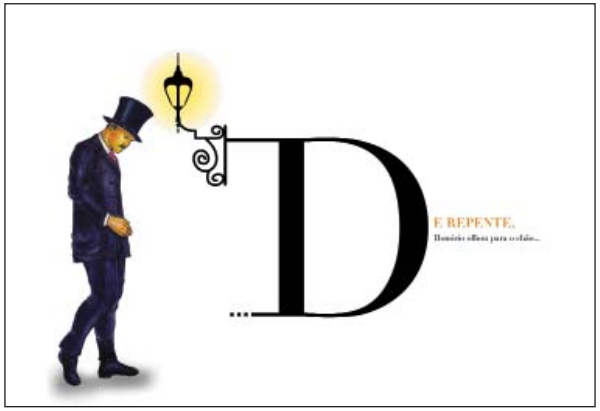
C=0 M=25 Y=50 K=5

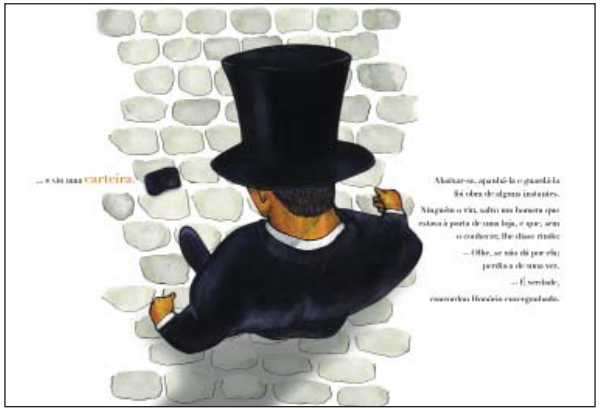
Obs.: A cor de chapada laranja da capa, foi utilizada nas frases em destaques dentro do miolo, servindo como ligação entre capa e miolo.

O conto ilustrado





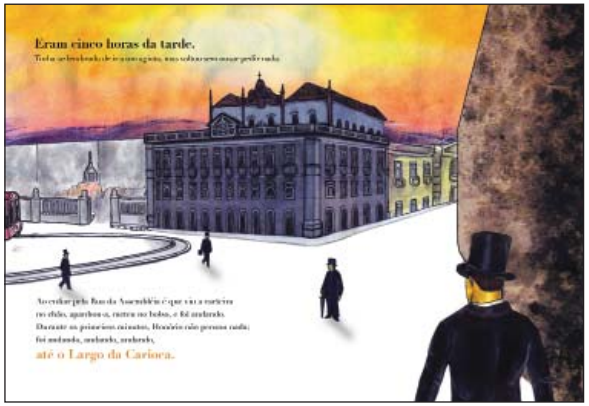


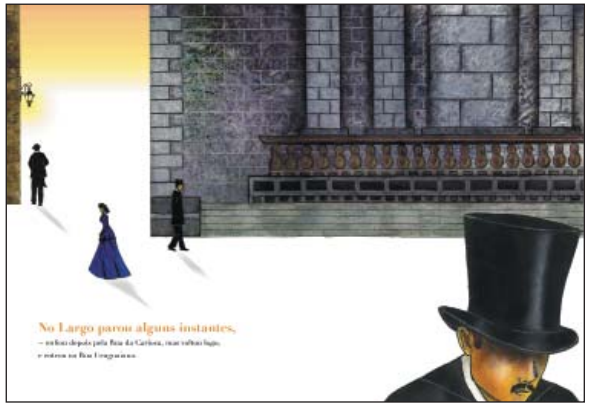


Para avaliar a oportunidade desta carteira,
é preciso saber que Honório teve de pagar
amanhã uma dívida,
quatrocentos e tantos mil-réis,
e o cofre-forte trancou-o hoje ferbendo.
A dívida não parece grande para um homem
da posição de Honório, que advoga; mas todas
as quintas são grandes ou pequenas, segundo
as circunstâncias, e as dele não podiam ser piores.
Gastos de família excessivos, a princípio por servir
a pobreza, e depois por agradar à mulher, que
vivia aborrecida da solidão, baile daqui, jantar dali,
chapéus, leques, tanta coisa mais, que não havia
ordenado senão ir descontando o futuro.
Emfim sabe-se.
Começou pelas contas de lojas e armazéns; passou aos
empréstimos, chamou a um, trezentos a outro, quinhentos
a outros, e tudo a crescer, e os bailes a clarear-se, e os jantares
a renovar-se, um turbilhão perpétuo, uma vertigem.
– Tu agora vais bem, não?
disse-lhe ultimamente o Gustavo C...,
advogado e familiar da casa.
– Agora nos, respondeu Honório.
A verdade é que ia mal. Poucos casos, de pequenos montes,
e constituintes remissos; por desgraça perdera ultimamente
um pleitozeco, em que fundara grandes esperanças. Não só
recebera pouco, mas até parece que ele lhe tirou alguma
coisa à reputação jurídica: em todo caso,
andavam notícias nos jornais.

Quando o Gustavo, que ia todas as noites à casa dele,
dizia uma ou duas pilhérias, ele respondia com três e quatro;
e depois ia cantar os trechos de música alemã, que D. Amélia
tocava muito bem ao piano,
e que o Gustavo escutava com infinito prazer.
ou jogavam cartas,
ou simplesmente falavam de política.
D. Amélia não sabia nada, ele não contava nada
à mulher, boas ou más negócios. Não contava nada
a ninguém. Ptegia-se tão alegre como se realmente
em sua casa de gostprivilados.

Um dia, a mulher foi achá-lo
dando muitos beijos à filha,
criança de quatro anos, e cas-lhe
os olhos marejados; ficou espantada,
e perguntou-lhe o que era.
– Nada, nada.
Compreende-se que era o medo do futuro e o horror
da miséria. Mas as esperanças voltaram com facilidade.
A idéia de que os dois ordenados tinham de ir dum lhe
comforto para a tira. Estava cara, trinta e quatro anos;
era o princípio da carreira: todos os princípios
são difíceis. E, tuto a trabalhar, a esperar, a gastar,
pedir fiado ou emprestado, para pagar mal,
e a mais bonos.
A dívida urgente de hoje são uns maldidos
quatrocentos e tantos mil-réis de aurros.
Nunca devera tanto a conta, nem ele
ereceu tanto, como agora; e, a rigor,
o ordeo não lhe gaanha a fara aos pobres;
mas disse-lhe hoje uma palavra azeda,
com um gesto mau, e Honório quer
pagar-lhe hoje ou cedo.

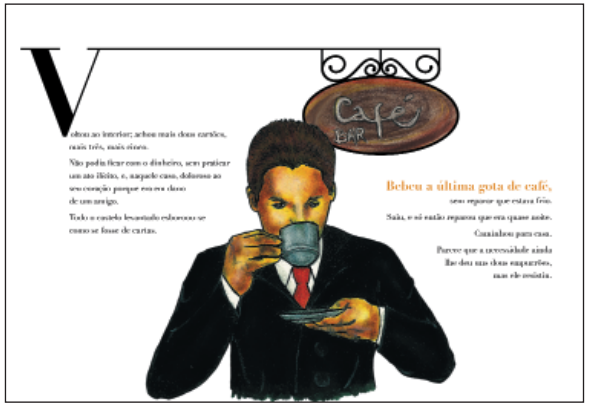

Eram cinco horas da tarde.
Tinha acabado de ir a um negócio, uns cobres seus mesmo pelo cuido.
Ao cruzar pela Rua da Assembléia é que viu a carteira
no chão, apanhou-a, meteu no bolso, e foi andando.
Durante os primeiros minutos, Honório não pensou nada:
foi andando, andando, andando,
até o Largo da Carioca.


No Largo parou alguns instantes,
– subiu depois pela Rua da Carioca, meteu volteou logo,
e entrou na Rua Uruguaiana.

Sem saber como, acham-se diante do
Largo de S. Francisco de Paula;
e ainda, sem saber como, entrou em um Café.
Pediu alguma coisa e encostou-se à parede, olhando para
fora. Tinha medo de abrir a carteira; podia não achar nada,
apenas papéis e sem valor para ele. Ao mesmo tempo, e esta
era a causa principal das reflexões, a consolação
perguntava-lhe se podia utilizar-se
do dinheiro que achasse.
Não lhe perguntava com a cor de quem não sabe,
mas antes com uma expressão irônica e de censura.
Podia lançar mão do dinheiro,
e ir pagar com ele a dívida?

É o ponto.
Chegou a casa sem o dizer-lhe que, se fosse ele que
a tivesse perdido, ninguém iria entregar-lha,
insinuação que lhe deu ânimo.
Tinha ido antes de abrir a carteira.
Tirou-a do bolso,
finalmente, sua com medo, quase às convulsões;
abriu-a, e ficou trêmulo.
Tinha dinheiro, muito dinheiro;
não contou, mas viu duas notas de duzentos mil-réis,
algumas de cinqüenta e vinte;
calculou uns setecentos mil-réis ou mais;
quantos menos, setecentos.
Era a dívida paga; eram ainda algumas
despesas urgentes. Honório teve
tentações de fechar os olhos,
correr à confeitaria, pagar, e,
depois de paga a dívida, adeus;
reconsiderou-se ia comsigo.
Fechou a carteira, e com medo
de a perder, tornou a guardá-la.
A consciência acabou por lhe dizer que
não podia, que devia levar a carteira
à polícia, ou anunciá-la; mas tão
depressa acabou de lhe dizer isto,
vinham os apuros do sensível,
e puxavam por ele, e mais falavam-no
e ir pagar a confeitaria.

Mas dali a pouco tirou-a outra vez, e abriu-a,
com vontade de contar o dinheiro.
Contar para quê? era dele! Afinal sempre ou o contou:
eram setecentos e trinta mil-réis.
Honório teve um calafrio. Ninguém viu, ninguém soube;
podia ser um lance da fortuna, a sua boa sorte, um anjo...
Honório teve pena de não crer nos anjos...
Mas por que não havia de crer nele?
E voltou ao dinheiro, olhou-o, passou-o pelas mãos; depois,
resolveu o contrário, não usar do achado, restituí-lo.
Restituí-lo a quem? Trataa de ver se havia na carteira
algum sinal. 'Se houver um nome, uma indicação
qualquer, não posso utilizar-me do dinheiro,'
pensou ele.
Esgaravelhou os bolsos da carteira. Achou cartas,
que são aleia, bilhetinhos dobrados, que não leu, e por fim
um cartão de visita;
leu o nome: era do Gustavo. Mas estão, a carteira?...
Examinou-a por fora, e pareceu-lhe efetivamente do amigo.
Gustavo C.
Advogado


Voltou ao interior; achou mais dois cartões,
mais três, mais cinco.
Não podia ficar com o dinheiro, sem praticar
um ato ilícito, e, naquele caso, doloroso ao
seu coração, porque era seu dono
de um amigo.
Todo o cuidado levantado esboroou-se
como se fosse de cartas.
Café
BAR
Bebeu a última gota de café,
sem reparar que estava frio.
Saiu, e só então reparou que era quase noite.
Caminhou para casa.
Parece que a necessidade ainda
lhe deu uns dous sanguíneos,
mas ele resistia.

"Paciência, disse ele consigo; serei amanhã o que posso fazer." Chegando a casa, já ali achou o Gustavo, um pouco preocupado e a própria D. Amélia e parecia também.

Entrou rindo, e perguntou ao amigo se lhe faltava alguma cousa.

– Nada.

– Nada?

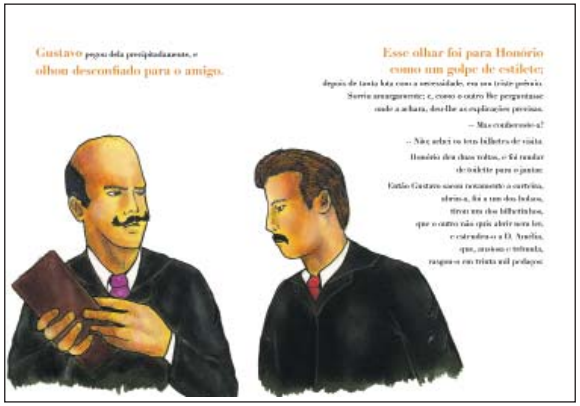
– Por quê?

– Mete a mão no bolso; não te falta nada?

– Falta-me a carteira, disse o Gustavo sem meter a mão no bolso.

Sabes se alguém a achou?

– Achei-a eu, disse Honório entregando-lha.



Gustavo pegou dela precipitadamente, e olhou desconfiado para o amigo.

Esse olhar foi para Honório como um golpe de estilete; depois de tanta luta com a necessidade, era um triste galardão. Sorriu amargamente; e, como o outro lhe perguntasse onde a achara, deu-lhe as explicações precisas.

– Mas confessou-a?

– Não achei os tens bilhetes de visita.

Honório deu duas voltas, e foi rondar de toilette para o jantar.

Então Gustavo sacou rezumindo a carteira, abriu-a, foi a um dos bolsos, tirou um dos bilhetinhos, que o outro não quis abrir nem ler, e estendeu-o a D. Amélia, que, trêmula e trêmula, reagiu-o em trinta mil pedaços.

era um bilhetinho de amor.

fim

Curiosidades!

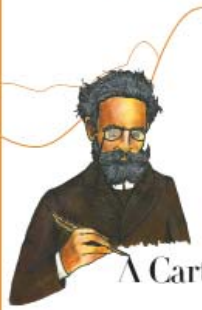
As cédulas de 500 Réis usadas neste conto datam do início do século XX, mais precisamente do ano de 1904, quando o Brasil já estava no seu 15º ano de República.

Nas cenas onde o Largo da Carioca é mencionado, a primeira representa, em obediência, o Hospital da Venerável Ordem Terceira da Penitência, demolido na administração do prefeito Pereira Passos. Na cena seguinte, é representado o Chafariz do Largo da Carioca, demolido em 1925 na gestão do prefeito Alaor Prata.

O velho prédio do Largo de São Francisco teve sua construção iniciada em 1811, com o projeto do brigadeiro João Manuel da Silva, para ser sede da Academia Real Militar. Seu prédio original era de dois andares, com o tempo ganhou mais dois. Atualmente, reto funciona o Instituto do Hospital e a Cátedras Humanas da UFMJ.

Coleção de MACHADO de ASSIS

Machado de Assis



A Carteira

Conclusão

Ilustrar não é apenas “desenhar por desenhar”. É necessário ter uma base de como elaborar, conhecer os vários tipos de linguagem de traços, os grandes mestres e suas épocas, ferramentas que podem ser usadas para a otimização, etc. Ou seja, é necessário ter um conceito por detrás do que poderia ser apenas mais um desenho. É preciso saber o que se quer passar e executar de maneira objetiva esse desejo.

Essa foi a sensação que tive ao longo do meu processo. Aprender a conceituar, para que os meus desenhos ganhassem uma riqueza implícita, e deixar o “desenhar por desenhar” para trás.

O resultado desse longo processo foi um livro ilustrado com base na rica obra de Machado de Assis, que visa tornar a leitura mais atraente para aqueles que a acham “massante”. Creio que atingi meu objetivo de elaborar desenhos com conceito embutido.

Como designer, entendo que este é um campo bastante explorável e com os embasamentos adquiridos ao longo do processo, pode ser muito mais, através de mais estudos que ainda hei de fazer para estar em constante aprimoramento das minhas técnicas, unida a toda ideologia do design.

Anexos

O conto

A Carteira (Machado de Assis)

...DE REPENTE, Honório olhou para o chão e viu uma carteira. Abaixar-se, apanhá-la e guardá-la foi obra de alguns instantes. Ninguém o viu, salvo um homem que estava à porta de uma loja, e que, sem o conhecer, lhe disse rindo:

-- Olhe, se não dá por ela; perdia-a de uma vez.

-- É verdade, concordou Honório envergonhado.

Para avaliar a oportunidade desta carteira, é preciso saber que Honório tem de pagar amanhã uma dívida, quatrocentos e tantos mil-réis, e a carteira trazia o bojo recheado. A dívida não parece grande para um homem da posição de Honório, que advoga; mas todas as quantias são grandes ou pequenas, segundo as circunstâncias, e as dele não podiam ser piores. Gastos de família excessivos, a princípio por servir a parentes, e depois por agradar à mulher, que vivia aborrecida da solidão; baile daqui, jantar dali, chapéus, leques, tanta cousa mais, que não havia remédio senão ir descontando o futuro. Endividou-se.

Começou pelas contas de lojas e armazéns; passou aos empréstimos, duzentos a um, trezentos a outro, quinhentos a outro, e tudo a crescer, e os bailes a darem-se, e os jantares a comerem-se, um turbilhão perpétuo, uma voragem.

-- Tu agora vais bem, não? dizia-lhe ultimamente o Gustavo C..., advogado e familiar da

casa.

-- Agora vou, mentiu o Honório.

A verdade é que ia mal. Poucas causas, de pequena monta, e constituintes remissos; por desgraça perdera ultimamente um processo, cm que fundara grandes esperanças. Não só recebeu pouco, mas até parece que ele lhe tirou alguma cousa à reputação jurídica; em todo caso, andavam mofinas nos jornais.

D. Amélia não sabia nada; ele não contava nada à mulher, bons ou maus negócios. Não contava nada a ninguém. Fingia-se tão alegre como se nadasse em um mar de prosperidades. Quando o Gustavo, que ia todas as noites à casa dele, dizia uma ou duas pilhérias, ele respondia com três e quatro; e depois ia ouvir os trechos de música alemã, que D. Amélia tocava muito bem ao piano, e que o Gustavo escutava com indizível prazer, ou jogavam cartas, ou simplesmente falavam de política.

Um dia, a mulher foi achá-lo dando muitos beijos à filha, criança de quatro anos, e viu-lhe os olhos molhados; ficou espantada, e perguntou-lhe o que era.

-- Nada, nada.

Compreende-se que era o medo do futuro e o horror da miséria. Mas as esperanças voltavam com facilidade. A idéia de que os dias melhores tinham de vir dava-lhe conforto para a luta. Estava com, trinta e quatro anos; era o princípio da carreira: todos os princípios são difíceis. E toca a trabalhar, a esperar, a gastar, pedir fiado ou: emprestado, para pagar mal, e a más horas.

A dívida urgente de hoje são uns malditos quatrocentos e tantos mil-réis de carros. Nunca demorou tanto a conta, nem ela cresceu tanto, como agora; e, a rigor, o credor não lhe punha a faca aos peitos; mas disse-lhe hoje uma palavra azeda, com um gesto mau, e Honório quer pagar-lhe hoje mesmo. Eram cinco horas da tarde. Tinha-se lembrado de ir a um agiota, mas voltou sem ousar pedir nada. Ao enfiar pela Rua. da Assembléia é que viu a carteira no chão, apanhou-a, meteu no bolso, e foi andando.

Durante os primeiros minutos, Honório não pensou nada; foi andando, andando, andando, até o Largo da Carioca. No Largo parou alguns instantes, -- enfiou depois pela Rua da Carioca, mas voltou logo, e entrou na Rua Uruguaiana. Sem saber como, achou-se daí a pouco no Largo de S. Francisco de Paula; e ainda, sem saber como, entrou em um Café. Pediu alguma cousa e encostou-se à parede, olhando para fora. Tinha medo de abrir a carteira; podia não achar nada, apenas papéis e sem valor para ele. Ao mesmo tempo, e esta era a causa principal das reflexões, a consciência perguntava-lhe se podia utilizar-se do dinheiro que achasse. Não lhe perguntava com o ar de quem não sabe, mas antes com uma expressão irônica e de censura. Podia lançar mão do dinheiro, e ir pagar com ele a dívida?

Eis o ponto. A consciência acabou por lhe dizer que não podia, que devia levar a carteira à polícia, ou anunciá-la; mas tão depressa acabava de lhe dizer isto, vinham os apuros da ocasião, e puxavam por ele, e convidavam-no a ir pagar a cocheira. Chegavam mesmo a dizer-lhe que, se fosse ele que a tivesse perdido, ninguém iria entregar-lha; insinuação que lhe deu ânimo.

Tudo isso antes de abrir a carteira. Tirou-a do bolso, finalmente, mas com medo, quase às escondidas; abriu-a, e ficou trêmulo. Tinha dinheiro, muito dinheiro; não contou, mas viu duas notas de duzentos mil-réis, algumas de cinqüenta e vinte; calculou uns setecentos milréis

ou mais; quando menos, seiscentos. Era a dívida paga; eram menos

algumas despesas urgentes. Honório teve tentações de fechar os olhos, correr à cocheira, pagar, e, depois de paga a dívida, adeus; reconciliar-se-ia consigo. Fechou a carteira, e com medo de a perder, tornou a guardá-la. Mas daí a pouco tirou-a outra vez, e abriu-a, com vontade de contar o dinheiro. Contar para quê? era dele? Afinal venceu-se e contou: eram setecentos e trinta mil-réis. Honório teve um calafrio. Ninguém viu, ninguém soube; podia ser um lance da fortuna, a sua boa sorte, um anjo... Honório teve pena de não crer nos anjos... Mas por que não havia de crer neles?

E voltava ao dinheiro, olhava, passava-o pelas mãos; depois, resolvia o contrário, não usar do acha- do, restituí-lo. Restituí-lo a quem? Tratou de ver se havia na carteira algum sinal. "Se houver um nome, uma indicação qualquer, não posso utilizar- me do dinheiro," pensou ele.

Esquadrinhou os bolsos da carteira. Achou cartas, que não abriu, bilhetinhos dobrados, que não leu, e por fim um cartão de visita; leu o nome; era do Gustavo. Mas então, a carteira?...

Examinou-a por fora, e pareceu-lhe efetivamente do amigo. Voltou ao interior; achou mais dous cartões, mais três, mais cinco. Não havia duvidar; era dele. A descoberta entristeceu-o. Não podia ficar com o dinheiro, sem praticar um ato ilícito, e, naquele caso, doloroso ao seu coração porque era em dano de um amigo. Todo o castelo levantado esboroou-se como se fosse de cartas. Bebeu a última gota de café, sem reparar que estava frio. Saiu, e só então reparou que era quase noite. Caminhou para casa. Parece que a necessidade ainda lhe deu uns dous empurrões, mas ele resistiu. "Paciência, disse ele consigo; verei amanhã o que posso fazer."

Chegando a casa, já ali achou o Gustavo, um pouco preocupado e a própria D. Amélia o parecia também. Entrou rindo, e perguntou ao amigo se lhe faltava alguma cousa.

-- Nada.

-- Nada?

-- Por quê?

-- Mete a mão no bolso; não te falta nada?

-- Falta-me a carteira, disse o Gustavo sem meter a mão no bolso. Sabes se alguém a achou? -- Achei-a eu, disse Honório entregando-lha.

Gustavo pegou dela precipitadamente, e olhou desconfiado para o amigo. Esse olhar foi para Honório como um golpe de estilete; depois de tanta luta com a necessidade, era um triste prêmio. Sorriu amargamente; e, como o outro lhe perguntasse onde a achara, deu-lhe as explicações precisas.

-- Mas conheceste-a?

-- Não; achei os teus bilhetes de visita.

Honório deu duas voltas, e foi mudar de toilette para o jantar. Então Gustavo sacou novamente a carteira, abriu-a, foi a um dos bolsos, tirou um dos bilhetinhos, que o outro não quis abrir nem ler, e estendeu-o a D. Amélia, que, ansiosa e trêmula, rasgou-o em trinta mil pedaços: era um bilhetinho de amor.

Texto elaborado para orelhas da capa

"...DE REPENTE, Honório olhou para o chão e viu uma carteira...". Inicia-se uma complexa situação que envolverá o protagonista do conto, Honório, a relutar contra seus príncipios depois de encontrar uma carteira com uma quantia suficiente para sanar todas suas dívidas urgentes.

O primeiro título da coleção ilustrada "Contos de Machado de Assis", traz a envolvente narrativa de "A carteira" que gira em torno do objeto que dá nome ao conto e dos personagens: Honório, sua esposa D. Amélia e Gustavo C., um amigo de família.

Junto ao conto em questão, a coleção ilustrada conta com os seguintes títulos, a saber:

Casada e viúva; Aires e Vergueiro; Quem conta um conto; Um homem superior; Nem uma nem outra; Onze anos depois; História de uma fita azul; To be or not to be; Conversão de um avaro; Dívida extinta; Uma carta; Curta história e Pobre Finoca!.

Estas obras compõem o segundo volume do livro "contos Fluminenses".

Texto elaborado para apresentação do livro

Publicado originalmente em "A Estação" (1884) e posteriormente reunido no segundo volume do livro Contos Fluminense, o conto "A carteira" gira em torno do conflito moral do personagem Honório em devolver ou não uma carteira recheada de dinheiro que ele encontrara na rua. Por estar muito endividado, é reforçado o desejo de cometer o ato ilícito e usufruir de algo que não é seu. Porém, descobre que o objeto achado é de um amigo.

Este livro faz parte da coleção "Contos de Machado de Assis", que traz a genialidade do bruxo do Cosme Velho, como era conhecido Machado, em páginas cuidadosamente ilustradas com o objetivo de tornar a leitura mais divertida, combinada com toda riqueza literária do autor. É uma mescla interessante de diversão e cultura.

Boa leitura e divirta-se!

Referências

ALVARUS (Álvaro Cotrim). *J.Carlos: época, vida, obra*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1995.

Asch, Ana Carolina. *O jardim tipográfico*. Projeto de graduação, ESDI/UERJ, 2008.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*, Machado de Assis. Série Bom Livro. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1998.

BRINGHURST, R. *Elementos do estilo tipográfico: versão 3.0*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

Gomes , Ana Paula Mizuta. *Anime-se a ler!*. Projeto de graduação, ESDI/UERJ, 2009.

FREY, Julia. *Toulouse-Lautrec: Uma vida*, Julia Frey. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1994.

HEITLINGER, Paulo. *Origens, formas e uso das letras*. Lisboa: Dinalivro, 2006.

HENDEL, Richard. *O design do livro 2º edição*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

LOREDANO, Cássio. *Nássara desenhista*. Rio de Janeiro: Funarte - Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1985.

_____. *O vidente miope: J.Carlos n'o Malho 1922-1930*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2007.

LUPTON, L. *Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SAMARA, Timothy. *Grid: Construção e desconstrução*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SARAIVA, Roberto: (org.). *Saul Steinberg: As aventuras da linha*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2011.

SOBRAL, Julieta. *J. Carlos: o desenhista invisível*, Julieta Sobral. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2007.

TSCHICHOLD, Jan. *A forma do Livro*, Jan Tschichold. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

VILLA, Marco Antônio. *História do Brasil*, Marco Antônio Villa. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

Sites:

A carteira. Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>

Henri de Toulouse-Lautrec. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Toulouse-Lautrec>, acessado em 27 de junho de 2011.

J.Carlos. Disponível em: <http://www.jotacarlos.org/>, acessado em 27 de junho de 2011.

J.Carlos. Disponível em: <http://www.brasilcultura.com.br/artes-plasticas/j-carlos-o-cronista-do-lapis/>, acessado em 01 de julho de 2011.

Machado de Assis. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Machado_de_Assis>, acessado em 27 de junho de 2011.

Machado de Assis, Academia Brasileira de Letras (ABL). Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=659&sid=240>, acessado em 04 de julho de 2011.

Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.novacon.com.br/sistereo.htm>, acessado em 17 de agosto de 2011.

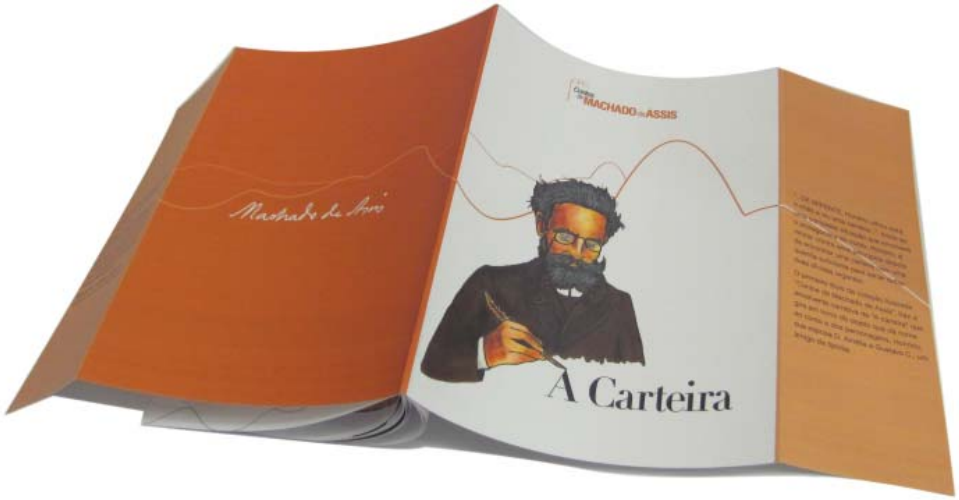
Rio de Janeiro. Disponível em: <http://picasaweb.google.com/115164305134509562843/RioDeJaneiroNoTempoDaVov>, acessado em 17 de agosto de 2011.

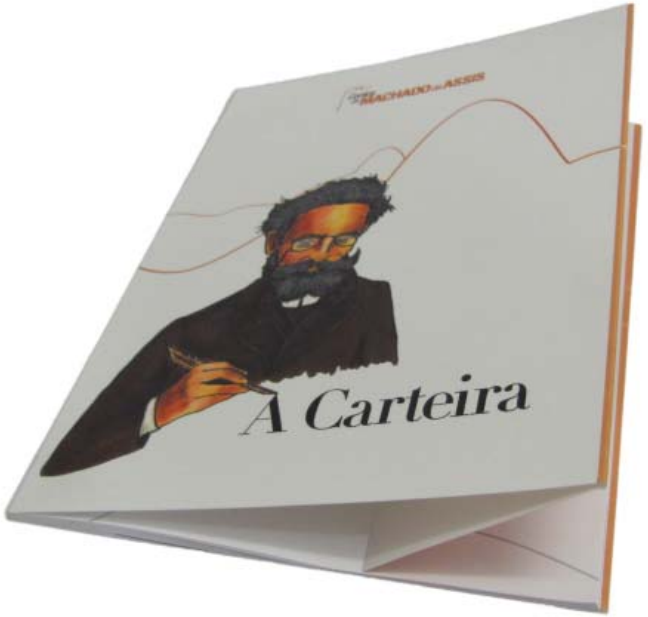
Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.rioquepassou.com.br/2005/03/06/largo-da-carioca-1870/>, acessado em 21 de setembro de 2011.

Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/11124678@N02/with/2541551756/>, acessado em 21 de setembro de 2011.

Saul Steinberg. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2010%20-%20artigo%207.pdf>, acessado em 02 de jullho de 2011.

Saul Steinberg. Disponível em: <http://www.artnet.com/magazineus/reviews/davis/davis1-4-07_detail.asp?picnum=4>, acessado em 02 de julho de 2011.


Machado de Assis
Contos de MACHADO de ASSIS
A Carteira


Contos de MACHADO de ASSIS
A Carteira

Contos de MACHADO de ASSIS
A carteira

Machado de Assis

– e viu uma carteira.
Abaixar-se, apanhá-la e guardá-la
foi obra de alguns
Ninguém o viu, salvo
estava à porta de uma
o conhecer, lhe
– Olhe, se não
perdia-a de uma
– É verdade,
comentou Honório envergonhado.

E REPENTE,
Honório olhou para o chão.

Eram cinco horas da tarde.